



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES - CFP
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS - UACS
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

JOSÉ DENILSON FEITOZA ROLIM

**TEATRO E ENSINO DE GEOGRAFIA: UMA PROPOSTA METODOLÓGICA DE
ENSINO-APRENDIZAGEM NA PRODUÇÃO DO ESPAÇO PELA FAMÍLIA**

CAJAZEIRAS/PB

2015

JOSÉ DENILSON FEITOZA ROLIM

**TEATRO E ENSINO DE GEOGRAFIA: UMA PROPOSTA METODOLÓGICA DE
ENSINO-APRENDIZAGEM NA PRODUÇÃO DO ESPAÇO PELA FAMÍLIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Geografia, da Universidade Federal de Campina Grande, do Centro de Formação de Professores, Campus Cajazeiras- PB, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Geografia.

Orientadora: Profa. Dra. Iveralda Dantas Nóbrega Di Lorenzo

Linha de Pesquisa: Ensino de Geografia.

CAJAZEIRAS/PB

2015

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)

André Domingos da Silva - Bibliotecário CRB/15-730

Cajazeiras - Paraíba

R748t Rolim, José Denilson Feitoza

Teatro e ensino de geografia: uma proposta metodológica de ensino-aprendizagem na produção do espaço pela família. / José Denilson Feitoza Rolim. Cajazeiras, 2015.

78f. : il.

Bibliografia.

Orientador (a): Profa. Dra. Iveralda Dantas Nóbrega di Lorenzo.

Monografia (Graduação) - UFCG/CFP

1. Geografia e teatro. 2. Ensino de geografia. 3. Geografia – relações de gênero. 4. Relação família e escola. 5. Geografia escolar. I. Di Lorenzo, Iveralda Dantas Nóbrega. II. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU –910:792(813.3)


José Denilson Feitoza Rolim

**“TEATRO E ENSINO DE GEOGRAFIA: UMA ABORDAGEM SOBRE A
RELAÇÃO ENTRE A PRODUÇÃO DO ESPAÇO E A FAMÍLIA NA
SOCIEDADE CAPITALISTA”**

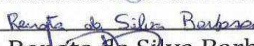
Monografia apresentada à
Coordenação de Geografia - UACS,
Universidade Federal de Campina
Grande- UFCG, como requisito parcial à
obtenção do título de Graduação.

Aprovada em: 07/04/2015

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dra. Ivanalda Dantas Nóbrega Di Lorenzo (orientadora)



Prof. Ms. Renata da Silva Barbosa (Primeiro Examinadora)



Prof. Dr. Josenilton Patrício Rocha (Segundo Examinador)

*Ao meu porto seguro, mar de inspiração, meus
amores: Carla e Victória.*

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, por ter dado força, coragem, sabedoria e tudo suficiente para que eu pudesse ter chegado a mais uma conquista. Sei que “tudo posso naquele que me fortalece” (Filipenses, 4:13);

Aos meus familiares, em especial, meu pai e minha mãe os quais com toda dedicação e amor me guiaram ao caminho do bem. A eles devo parte do que tenho e do que sou sempre.

À minha esposa Carla e Victória minha filha, pelo incentivo, principalmente diante do desânimo, compreensão nos momentos de ausência, atenção e amor que foram essenciais a minha (nossa) realização pessoal;

À Professora Dra. Ivanalda Dantas Nóbrega Di Lorenzo pela oportunidade, orientação, incentivo e apoio;

Meus respeitosos agradecimentos aos Professores pela contribuição ao integrarem a Banca Examinadora. À Professora Ma. Renata da Silva Barbosa e ao Professor Dr. Josenilton Patrício Rocha;

Aos professores da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio “Professor Crispim Coelho”. Francisco Gomes Vituriano (Gestor) e as professoras, Jaqueline Maria Rodrigues Maciel (co-gestora) e Maria Lucia Lima de Moraes (co-gestora), pela tão valiosa acolhida e contribuição na pesquisa;

Aos professores do curso de Licenciatura em Geografia, por terem sido meus formadores, amigos e companheiros durante todo esse período;

À professora da disciplina de Geografia da Escola “Professor Crispim Coelho”, Professora Maria Alves Bezerra pela participação e colaboração na pesquisa;

Todos os alunos do 1º e 2º ano da Escola Estadual Professor Crispim Coelho pela interação nas aulas, atuação, participação e colaboração com a pesquisa e, por fim, aos colegas e amigos do curso que durante todo esse processo de graduação vem permanecendo unidos e compartilhando os mesmos desafios e conquistas.

RESUMO

O presente trabalho resulta de pesquisa de graduação na área de pesquisa em ensino de geografia, desenvolvida no curso de Licenciatura em Geografia, do Centro de Formação de Professores (CFP), da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), durante o período de 03/11 à 19/12/2014, com duração de 15 aulas com a turma do 2º Ano B do Ensino Médio da Escola Estadual Professor “Crispim Coelho”, situada no município de Cajazeiras, Mesorregião do Sertão Paraibano. Investigamos como a linguagem teatral se constitui uma das metodologias de ensino-aprendizagem para a abordagem da temática, teatro e ensino de Geografia: uma proposta metodológica de ensino-aprendizagem na produção do espaço pela família. A importância dessa linguagem, o teatro, justifica-se em função da necessidade de uso de distintas linguagens no ensino de Geografia, a exemplo da cartografia, cinema, música e teatro, uma das manifestações culturais mais antigas e assistidas por milhões de pessoas. Desse modo, busca-se apresentar o teatro como instrumento pedagógico no ensino de Geografia como subsídio no processo ensino-aprendizagem e na compreensão da produção do espaço geográfico pela família, na sociedade capitalista e no mundo do trabalho. A partir de uma análise dialética associamos a metodologia pautada em: levantamento bibliográfico, de campo e documental. Além dessas, a observação assistemática, as entrevistas semiestruturadas, produção de texto, arte teatral, uso de caderneta de campo, registro fotográfico e sistematização das informações de campo. Os resultados da pesquisa demonstraram que durante a observação inicial as aulas de geografia, assim como as entrevistas dos educandos afirmaram que o ensino de geografia nesta Escola se mostra descontextualizado das realidades dos sujeitos da escola, e mediante a utilização da linguagem arte teatral os educandos sentiram-se mais motivados nas aulas e com maior interesse pelos conteúdos geográficos, afirmando que estes são significativos quando contextualizam suas realidades.

Palavras-chave: Teatro. Ensino de Geografia. Trabalho. Família. Gênero

ABSTRACT

This paper results of undergraduate research in the area of research in geography education developed in the Bachelor's Degree in Geography, Teacher Training Center (CFP), the Federal University of Campina Grande (UFCG), during the 03 / 11 to 19/12/2014, lasting 15 lessons with the class of 2nd year B of high school at the State School Professor "Crispin Rabbit", in the municipality of Cajazeiras, Paraíba mesoregion the Hinterland. Investigate how the theatrical language constitutes one of the teaching-learning methodologies for approaching this topic, theater and teaching Geography: a methodology of teaching and learning in the production of space for the family. The importance of this language, theater, justified by the need to use different languages in the teaching of geography, such as cartography, cinema, music and theater, one of the oldest and cultural events attended by millions of people. Thus, we seek to present theater as an educational tool in teaching Geography as an aid in the teaching-learning process and in understanding the production of geographical space for the family, in capitalist society and the world of work. From a dialectical analysis associate the methodology guided by: literature review, field and documentary. In addition to these, the observation, the semi-structured interviews, text production, theatrical art, use of field notebook, photographic record and systematization of field information. The survey results showed that during the initial observation the geography classes, as well as interviews of the students said that the geography teaching in this school shown decontextualized from the realities of school subjects, and through the use of theatrical art language learners felt -If more motivated in class and more interest in geographical, stating that these are significant when contextualize their realities.

Keywords: Theatre. Geography Teaching. Work. Family. Gender.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

FIBGE - Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ONU - Organização das Nações Unidas

PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais

PEA - População Economicamente Ativa

PNUD - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

TCC - Trabalho de Conclusão de Curso

TIC – Tecnologia da Informação e Comunicação

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 Oficina com jogos de movimentos, agilidades e posturas. (Organizado pelo autor. novembro/2014).....	56
Imagem 2 Discursão com o grupo de educandos para realização da pesquisa e produção do esquete teatral e montagem de personagem. (Organizado pelo autor. Novembro/2014).....	58
Imagem 3 Leitura e interpretação do roteiro para identificação dos personagens. (Organizado pelo autor. Novembro/2014).....	64
Imagem 4 Ensaios do esquete teatral e escolha dos personagens. (Organizado pelo autor. Novembro/2014).....	65
Imagem 5 Apresentação do esquete teatral em sala de aula. (Organizado pelo autor. Novembro/2014).....	66

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 Taxa de fecundidade total, segundo as Grandes Regiões – 1940/2010.....	33
Tabela 2: Estrutura Etária da População - Cajazeiras – PB segundo dados do desenvolvimento Humano 2013.....	33
Tabela 3 Homens e mulheres no mercado de trabalho: indicadores de participação econômica. Brasil 1993 e 2005.....	34
Tabela 4 Indicadores de distribuição da população economicamente ativa, por região metropolitana, segundo algumas características em janeiro de 2013.....	34
Tabela 5 Indicadores de distribuição da população ocupada, por região metropolitana, segundo algumas características em janeiro de 2013.....	35

LISTA DE APÊNDICES

Apêndice A Entrevista desenvolvida junto aos educandos do 2º ano da escola Estadual “Professor Crispim Coelho”	76
Apêndice B Entrevista desenvolvida junto à Professora da disciplina de Geografia do 2º ano da escola Estadual “Professor Crispim Coelho”	40

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	14
2	ENSINO DE GEOGRAFIA E TRABALHO: FAMÍLIA E GÊNERO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA.....	19
2.1.	Trabalho, Reestruturação Produtiva na Sociedade Contemporânea e Gênero.....	21
2.2.	Reestruturação produtiva no Brasil e a participação feminina no mundo do trabalho.....	27
2.3.	A família no processo da divisão social do trabalho: transformações na sociedade contemporânea.....	35
3	NOVAS LINGUAGENS NO ENSINO DE GEOGRAFIA	40
3.1.	Uma abordagem acerca da sociedade e da família em suas distintas formas de produção do espaço geográfico.....	43
3.2.	Como ver a Geografia de forma artística.....	46
4	APRESENTANDO O TEATRO COMO ARTE DE EXPRESSÕES.....	50
4.1.	Aplicação de jogos na sala de aula	53
4.2.	Laboratório para criação dos personagens.....	56
4.3	. Apontamento de um conteúdo social dentro do espaço vivenciado pelo aluno a ser trabalhado	59
4.4.	Ensaios e apresentação em sala de aula no ensino de geografia.....	64
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	68
	REFERÊNCIAS	70
	APÊNDICES	76

1. INTRODUÇÃO

A Geografia adotou desde a sua origem uma postura tradicional, ainda antes de se tornar ciências, esse tradicionalismo ainda está presente na atualidade, no ensino escolar, caracterizando a crise vivenciada pela Geografia Escolar, cujas bases advêm do Positivismo pautado numa educação conteudista, de transmissão de conhecimentos, destituindo a relação de aprendizagem mútua existente entre educando/a e educador/a.

A história da educação brasileira, assim como a evolução do pensamento geográfico guardam similitudes, sobretudo, se considerarmos o interesse primeiro da formação: o ensino pautado na transmissão de conteúdos por um professor aos que são chamados de 'alunos'. Tal postura veio a modificar-se com o Movimento da Escola Nova, a partir dos anos 1920, especificamente de 1932 a 1969 com o advento da Pedagogia Nova, uma tentativa de superar os limites da Pedagogia Tradicional, seguido do advento da Pedagogia Produtivista, expressa pela educação como demandas do mercado, o que é próprio da sociedade capitalista.

Similarmente a essa trajetória da tradição no ensino, na década de 1930 começa uma transição para o Movimento de Renovação da Geografia que se fortalece a partir dos anos de 1950, com maior ênfase nas décadas de 1970 a 1990, travando debates sobre os questionamentos de base teórico-metodológica, referentes à Geografia Tradicional, pautada na transmissão de conhecimentos, na formação de mão-de-obra qualificada para o mercado de trabalho, desconsiderando, portanto, as realidades dos sujeitos educandos e situando o professor como o centro do saber e de domínio da razão.

Contudo, surgiram novas tendências da Renovação da Geografia – Quantitativa, Humanística e Crítica – pautada, cada uma, em métodos e metodologias específicas, sendo a Quantitativa de concepções científicas de mensuração e de caráter eminentemente teórico; enquanto a Geografia Humanística de base marxista, sociológica, fenomenológica e existencialista, ancorada principalmente nas intersubjetividades humanas; restando à Geografia Crítica, o debate apoiado no materialismo histórico dialético e na crítica reflexiva da realidade, com repercussões na evolução do pensamento Geográfico e na Educação Escolar com também a renovação do ensino de Geografia.

O Movimento de Renovação da Geografia não conseguiu isoladamente desenvolver uma Educação Escolar no ensino de Geografia que tornasse horizontalizadas as relações de ensino-aprendizagem, pois embora houvessem mudanças nos conteúdos contextualizados com a realidade dos sujeitos, a abordagem e a explanação continuaram centradas na figura do

professor como detentor do saber e, o educando como receptor, um depósito de conhecimentos transmitidos sem a preocupação com a reflexão e transformação da realidade desses sujeitos.

O desinteresse pelo ensino de Geografia por parte dos sujeitos da pesquisa, os 15 educandos da turma do 2º Ano do Ensino Médio da Escola Estadual Professor Crispim Coelho, constatou-se nas observações realizadas no período de 03/11 à 20/12/2014, durante a experiência docente nesta Escola, onde se possibilitou atuar como professor de Geografia junto aos educandos da referida turma.

Com isso, a pesquisa aponta uma nova forma de ensino voltado para a construção do conhecimento e dos saberes, a partir da inserção do sujeito nas diversidades do espaço geográfico em que envolve educandos e as distintas formações dos educadores.

Contudo, na sociedade capitalista, há uma prevalência da educação voltada para o mercado de trabalho, cuja preocupação central situa-se, primordialmente na formação apressada de mão-de-obra destinada ao trabalho, sem a preocupação, com a formação integral do ser humano, consolidada nas bases de uma ética cidadã.

O ensino de Geografia constitui-se como oportunidade para situar o sujeito na dinâmica da produção do espaço geográfico onde se insere, compreendendo as transformações deste espaço a partir das relações sociais que nele se dão assim como a importância de sua participação como elemento definidor das marcas deixadas na paisagem e na configuração dos lugares.

A escola é importante vetor para a concretização da identidade dos sujeitos, daí a importância do ensino que nela se desenvolve. Este trabalho tem como finalidade apresentar uma proposta de ensino-aprendizagem aos educandos e educadores/as de Ensino Médio da Escola Estadual Professor Crispim Coelho, a partir de uma linguagem metodológica, ainda pouco utilizada nas escolas: o teatro como arte. Por meio deste, desenvolveram-se distintas situações em sala de aula para facilitar o processo de aprendizagem, especialmente quando se refere ao ensino de Geografia, pois sua categoria central, o espaço geográfico pode ser mais bem compreendido quando se utiliza novas linguagens, contextualizando-as com a realidade dos educandos a partir de uma proposta integrativa do corpo e da mente, através do teatro instrumentalizando a compreensão da categoria 'espaço geográfico', do papel do educando/a na família, como parte da sociedade em que vive.

Assim, elege-se como objetivo geral, aplicar uma proposta metodológica de ensino de Geografia, a partir de uma linguagem diferenciada: o teatro como instrumento pedagógico no ensino de Geografia como subsídio no processo ensino-aprendizagem e na compreensão da

produção do espaço geográfico pela família, na sociedade capitalista e no mundo do trabalho. Tem-se como objetivos específicos:

- Identificar a importância do ensino de Geografia para a compreensão das mudanças recentes na sociedade contemporânea, no mundo do trabalho e suas implicações na família e, na questão de gênero;
- Refletir sobre a importância de uma nova linguagem no ensino de Geografia na abordagem da família e da questão de gênero, na sociedade capitalista e no mundo do trabalho;
- Apresentar a arte teatral como um instrumento metodológico que facilite o ensino de Geografia contextualizando com a realidade dos/as educandos/as.

O teatro entra na escola como arte que trabalha diversos campos do desenvolvimento do ser humano, partindo-se de jogos que possibilitam ao educando, treinar as expressões corporais, sensoriais, a dicção (expressão de voz), as formas de ver o mundo por diferentes aspectos, além da cognição. Para tanto, as dinâmicas de criatividade e improvisos oferecem ao educando o desenvolvimento da desinibição, principalmente dos mais tímidos, entre outros elementos que estão envolvidos com a didática escolar, dentre eles, a dinamicidade para tornar a aula mais atraente.

Para a compreensão desta temática, somaram-se ao levantamento bibliográfico, os resultados de pesquisa de campo, os quais serviram de apoio à compreensão da temática em análise, assim como a observação acerca da linguagem utilizada, o teatro, e sua influência na desenvoltura do/a educando/a no processo de aprendizagem, contrariando a perspectiva de uma Geografia tradicional, ainda praticada no Século XXI, considerada pelos educandos investigados como disciplina ‘desnecessária e pouco prazerosa’, contrariando novas perspectivas de ensino na Geografia que almejem o desenvolvimento e a apreensão dessa disciplina como instrumento de libertação e emancipação dos sujeitos.

Desse modo, foi realizado uma ação investigativa a partir da pesquisa participante, propondo-se a realização de uma peça teatral para a discussão da temática, a produção do espaço e a família na sociedade capitalista. Para a utilização dessa ação, foram realizados distintos recursos como quadro-de-giz, retroprojetor, e uma linguagem pouco comum no ensino: a arte teatral como forma de educar o ser humano, numa perspectiva integral, de corpo e mente. Organizamos oficinas teatrais, trabalhando o corpo e suas lateralidades, a postura da

voz, a produção de texto; concluindo com a apresentação de um esquete teatral, ou seja, uma peça teatral com duração máxima de dez minutos, realizada pelos educandos do 2º Ano, finalizando com um debate em discussão sobre os conhecimentos e aplicação de questionários de avaliação da atividade realizada.

A metodologia de pesquisa incluiu a pesquisa participante, por ser inserido como educadores dos sujeitos investigados, conduzindo-os aos momentos educativos, com realização de oficinas e produção de esquete teatral intitulada o novo perfil da família brasileira, com a finalidade de conduzir o educando a reflexão e ao conhecimento sobre a dinâmica existente no meio social que vem mudando o perfil da família brasileira como: a inserção feminina no mercado de trabalho e as diferentes orientações sexuais que vêm formando um novo perfil das famílias contemporâneas.

O esquete foi desenvolvido, em três semanas com estudos e pesquisas feitos pelos próprios educandos a respeito do tema e, a partir deste, construiu-se o roteiro teatral, seguido da apresentação para a turma do 1º Ano do Ensino Médio. Após a apresentação do esquete teatral, realizaram-se entrevistas com os alunos das referidas turmas (APÊNDICE A) para verificação dos objetivos propostos acerca da construção do conhecimento a partir da linguagem teatral.

A observação assistemática, somada às anotações em caderneta de campo e o registro fotográfico, foi utilizado como forma de verificar o interesse dos educandos na participação das aulas, com a linguagem teatral, como ferramenta de ensino-aprendizagem e verificação do interesse daqueles pela disciplina e da compreensão dos conteúdos geográficos, durante os trabalhos de produção teatral.

A estrutura deste trabalho compõe-se de quatro capítulos, além das considerações finais. O capítulo introdutório apresenta a trajetória da pesquisa e sua relação com o tema abordado e o teatro como linguagem no ensino de geografia. O segundo capítulo apresenta o ensino de Geografia e suas nuances no Ensino Médio, relacionando o mundo do trabalho e as questões de gênero na sociedade contemporânea, com ênfase nos desafios a serem encontrados pelos professores da disciplina e a caracterização do processo do ensino da escola pública. Portanto, aborda-se o trabalho humano e o lugar dos sujeitos, na sociedade contemporânea, e as atividades econômicas bem como a divisão do trabalho por gênero. O terceiro capítulo discute as novas linguagens no ensino de Geografia e a abordagem da família na sociedade capitalista, seguida do quarto capítulo que apresenta o teatro como arte de expressão para se trabalhar a Geografia artisticamente com a utilização de jogos em sala de aula, laboratório para criação de personagens e composição de um esquete teatral.

Os resultados demonstraram que o ensino de Geografia na escola investigada se mostra descontextualizado da realidade dos sujeitos da escola e que, mediante a utilização da linguagem arte teatral, os educandos sentiram-se mais motivados nas aulas e com maior interesse pelos conteúdos geográficos, afirmando que estes são significativos quando contextualizam suas realidades.

2 ENSINO DE GEOGRAFIA E TRABALHO: FAMÍLIA E GÊNERO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

O ensino de Geografia apresenta significativa abrangência no que diz respeito à compreensão do espaço produzido socialmente a partir de processos dinâmicos e diversificados. Desse modo, a disciplina de Geografia pode lançar mão de uma série de atributos como recursos, linguagens e métodos diversificados que facilitem a compreensão de seus conteúdos.

A escolha desses atributos torna-se significativa quando associada ao conhecimento, à realidade e à participação dos educandos, a fim de que os objetivos da aprendizagem sejam alcançados. Na certeza de que muitos desafios existem no processo da aprendizagem, cabe ao educador ser atuante neste processo, isto é, desenvolver a aprendizagem a partir da sua prática e assim, descobrir os problemas que mais se acentuam no dia-a-dia dos seus alunos e os afetam no processo da aprendizagem.

Conforme dados do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), da Organização das Nações Unidas (2013), o Brasil tem a terceira maior taxa de evasão escolar entre 100 países, com 90,3% da população alfabetizada, sendo 49,5% com pelo menos o Ensino Médio completo e, uma taxa de evasão escolar de 24,3%. Diante deste levantamento, a educação escolar nas escolas públicas, especialmente no Ensino Médio, apresenta um déficit quando comparado ao percentual de população alfabetizada, além de contrastar mais ainda com a taxa de evasão escolar. (IBGE, 2007)

De acordo com dados do INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Anísio Teixeira), de 100 alunos que ingressam na escola na 1ª série, 5 não concluem o Ensino Fundamental, ou seja, 95 terminam a 8ª série. No ano de 2007 4,8% dos alunos matriculados no Ensino Fundamental (1ª a 8ª séries/1º ao 9º ano) abandonaram a escola, o que corresponde a aproximadamente um milhão e meio de educandos; enquanto 13,2% dos alunos que cursavam o Ensino Médio abandonaram a escola, ou seja, mais de um milhão de educandos. (IBGE, 2007)

De acordo com a Revista InfoEscola (2015, s/p), no Brasil as causas da evasão escolar são variadas, desde “as condições socioeconômicas, culturais, geográficas ou mesmo questões referentes aos encaminhamentos didático – pedagógicos e a baixa qualidade do ensino das escolas”. Portanto, a taxa de evasão no Ensino básico deflagra a realidade perpassada pela educação brasileira refletindo-se na qualidade de vida da população brasileira, na qual muitos educandos quando deixam a escola, dificulta de tal maneira a continuidade do processo

educacional por defasagem idade-série ou dentre outras causas, a dificuldade de permanecer na escola, uma vez que necessitam trabalhar para garantir o sustento da família.

A ação do Estado somada à formação inicial e continuada de professores, além da conscientização destes, para a formação dos educandos, deve constituir-se como instrumento de luta para a libertação desses sujeitos a partir da promoção de uma educação transformadora e não de preparação para o mercado capitalista o que é visto também através dos cursos técnicos, por sua vez permeada por recursos, linguagens e métodos diversificados, os quais considerem a realidade dos educandos.

Os veículos de comunicação facilitam a informação acerca das condições do sistema escolar, principalmente o da rede pública, sem precisar ir muito longe. Bastam algumas observações no comportamento dos educandos nas relações que travam em seu cotidiano pessoalmente e pelas redes sociais, demonstrando o nível de articulação e a velocidade das informações e interesses pelas novas tecnologias e por assuntos diversificados, nem sempre presentes nos livros didáticos.

As observações realizadas na turma do 2º Ano B, do Ensino Médio, na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor Crispim Coelho, situada no município de Cajazeiras, mesorregião do Sertão Paraibano, demonstraram a considerável parcela dos educandos do Ensino Médio que apresentam dificuldades na aprendizagem de conteúdos geográficos, desconhecendo por vezes, a relação que estes apresentam com seu cotidiano.

A disciplina de Geografia cujo objeto é a leitura e interpretação do espaço geográfico, no qual se inserem os sujeitos educandos, constitui-se como uma disciplina indispensável na compreensão do processo de organização destes, na sociedade, a partir das relações sociais, mediadas pelo trabalho, além de sua inserção no contexto familiar com as diversidades que os caracterizam.

A ciência geográfica parte do princípio da interpretação e do entendimento do espaço como totalidade, um desafio para os educadores da disciplina de Geografia para contextualizarem os conteúdos geográficos com as realidades dos educandos, enaltecendo aspectos materiais e simbólicos a partir de uma abordagem dialética da realidade, como produto histórico e geográfico.

Portanto, o ensino de Geografia engloba a multidimensionalidade e a antinomia dos processos históricos da vida dos sujeitos que conformam a sociedade mediada por relações sociais de produção, a partir da natureza da qual fazem parte. Compreendemos o Ensino de Geografia em sua transdisciplinaridade, como possibilidade de realizar-se uma educação para

a transformação dos sujeitos, formando-os criticamente, a partir dos ideais de liberdade e emancipação, igualdade, justiça, democracia e solidariedade.

Enfatiza-se a problemática da desigualdade social existente na sociedade, esta advém primeiramente, da lógica incorrigível do modo de produção capitalista. Desse modo, o Ensino de Geografia pode promover o debate acerca da organização econômica, social, espacial e política da sociedade para a compreensão desse processo e, principalmente, para contribuir na formação dos sujeitos educandos como cidadãos críticos, reflexivos e conscientes dos ideais de liberdade, justiça e solidariedade. Para que, a partir de uma leitura dialética, educandos e educadores percebam-se como partícipes na construção da sociedade, pautada no respeito ao outro, na igualdade de direitos e de participação em igualdade de gêneros. Portanto, que estes sejam capazes de perceber novos ideais de humanidade para além da lógica capitalista, e que o trabalho sirva antes para a vida, e não para a reprodução do capital.

Para este estudo elegeu-se o conceito de sociedade pautado nas concepções de três pensadores para, a partir destes, referenciar uma concepção melhor aplicada ao entendimento do objeto de estudo. De acordo com Émile Durkheim (1955), podemos entender que a sociedade consiste num conjunto de regras, normas, padrões de conduta, pensamentos e sentimentos existentes na/para além da consciência individual; situando-se na existência social controlada por leis responsáveis pelos fenômenos sociais que existem, independente da vontade dos indivíduos.

Para Marx Weber (2006), a sociedade é constituída pelas relações sociais estabelecidas entre indivíduos e depende de suas aspirações individuais e coletivas. Finalmente, foi apropriado da concepção marxista que contrária ao posicionamento de Marx Weber, não prioriza o indivíduo e suas aspirações, mas parte das condições materiais destes (LÖWY, 1995). Assim, sua concepção se apoia nas relações sociais de produção, nas quais, os seres humanos produzem a sociedade pelas relações mediatizadas pelo trabalho e pelos meios de produção. Portanto, o trabalho e as relações sociais de produção são elementos definidores na configuração da reestruturação produtiva da sociedade contemporânea.

2.1 Trabalho, Reestruturação Produtiva na Sociedade Contemporânea e Gênero

O trabalho humano se caracteriza como sendo uma atividade voltada à realização pessoal e profissional do indivíduo, através do trabalho percebe-se os fenômenos da crescente urbanização, transformando o espaço geográfico e mudando o comportamento social. Porém, no princípio da civilização, o ser humano não tinha a preocupação com a acumulação,

portanto, inexistia o trabalho remunerado, uma vez que o trabalho existia como forma de manutenção própria, assim com o avanço do conhecimento e aglomeração da espécie humana, tudo passou a ficar mais disputado, originando as trocas.

Conforme as palavras de Marx e Engels (2002), pode-se analisar a importância do surgimento do trabalho pela própria necessidade do ser humano, ou seja, da primeira necessidade de realizar algo para poder viver, e para isto é preciso beber, comer, morar vestir, entre outros. E assim, a primeira realização para satisfazer estas necessidades, a produção da própria vida material, se concretizando em uma produção histórica da civilização. Na sociedade atual, em sua dinâmica cotidiana, o ser humano produz não apenas os meios de subsistência, mas também a acumulação de bens, impulsionada pelo desejo de satisfação de outras necessidades, dentre elas, a produção de *mais valia*. Esse processo é mediado por relações sociais capazes de determinar novos modos de produção e as condições históricas do trabalho, conforme afirma Oliveira (2006, p. 5-6):

A história do trabalho começa quando o homem buscou os meios para satisfazer suas necessidades — a produção da vida material. Essa busca se reproduz historicamente em toda a ação humana para que o homem possa continuar sobrevivendo. Na medida em que a satisfação é atingida, ampliam-se as necessidades a outros homens e criam-se as relações sociais que determinam a condição histórica do trabalho.

Para tanto, ao transformar os recursos naturais em bens de uso, o ser humano também se transforma, alterando as dinâmicas da sociedade. Desta forma, o trabalho passa a ser o principal fator de desenvolvimento socioeconômico do ser humano e, por conseguinte, da sociedade, pela força que ele detém em transformar historicamente o espaço vivido para suas satisfações.

Ao Estado e à sociedade cabe a manutenção do trabalho como elemento principal da formação humana, seguindo os princípios constitucionais de igualdade de direitos, embora numa sociedade pautada na luta de classes, na qual ocorre o distanciamento entre os anseios da sociedade e o pressuposto de igualdade, uma vez que, numa sociedade de classes está explícita a desigualdade social.

A partir do desenvolvimento do trabalho é que as comunidades e a própria espécie humana foi tomando uma nova forma, isto é, novas características foram se desenvolvendo socialmente, e assim o ser humano foi passando a assumir um valor e funções diferentes no espaço. Através deste processo, estabeleceu-se a luta de classes, alterando o perfil da sociedade contemporânea e, na medida em que o modo de produção capitalista avança,

impregna a sociedade de traços de dominação/opressão e de estímulo ao consumo exacerbado, produz e reproduz a desigualdade social, além de reestruturar as relações de trabalho, resultando na divisão social e sexual do trabalho.

Quando se fala em divisão, entende-se em algo que está sendo separado. Assim, a divisão de gênero no trabalho configura-se como o envolvimento de pessoas de distintos sexos no sistema de produção do trabalho, a fim de alcançar algum objetivo. Desse modo se faz necessário saber sobre esse objetivo e quais as transformações e consequências da divisão social e sexual do trabalho para os sujeitos envolvidos no processo, além de identificarmos em qual momento ela se tornou determinante. Segundo Luz (2003, p. 02):

A divisão social do trabalho – processo pelo qual as atividades de produção e reprodução social são diferenciadas, especializadas e desempenhadas por diferentes pessoas – pode ocorrer através da separação das atividades de produção de bens e serviços de acordo com o sexo das pessoas que as realizam - divisão sexual do trabalho.

As mudanças ocorridas na produção do trabalho evidenciam-se com maior proporção a partir do avanço do modo de produção capitalista, o qual registra a partir da década de 1970, do século passado, a busca por estratégias para superar a crise mundial do capital, dentre elas a adoção por grandes empresas de processos de inovação nas suas produções, na medida em que essa produção pudesse acontecer de forma mais livre (neoliberal) e mais lucrativa.

A globalização, que no início foi influenciada pelo modo de produção, começa a se expandir com maior evidência a partir dos anos de 1990, do século passado, em quase toda parte do mundo, e, com ela, desta vez influenciando os processos de inovações na produção das grandes corporações para acompanhar o ritmo das concorrências, fato que culminou numa falsa expectativa de generalização da informação para todos os povos, bem como de acesso aos direitos, bens e à comunicação em condições de igualdade. Contraditoriamente, numa economia globalizada, as empresas tendem a mitigar os custos de produção, pois, a partir do encurtamento de espaços e tempos, promovem maiores e melhores condições de comercialização e de produção, a exemplo da flexibilização ou acumulação flexível resultante das relações de trabalho e da organização da produção.

Segundo Hirata (2001), a flexibilidade está relacionada às distintas dimensões do sistema econômico. Seja na forma de produção, na alteração da divisão técnica do trabalho; na estrutura organizacional das empresas, na formação de redes de comercialização e produção, na fusão, sub-contratação e sociedade entre empresas, no mercado de trabalho com

a instabilidade nos contratos de trabalho e mercantis, na contratação temporária e terceirização de trabalhadores, dentre outros.

A acumulação flexível é bastante heterogênea e sua inserção na sociedade varia entre distintos setores considerando-se sua inserção na economia mundial, independente se a mão de obra é masculina ou feminina, conforme afirma Harvey (1992, p. 140):

[...] é marcada por um confronto direto com a rigidez do Fordismo. Ela se apoia na flexibilidade dos processos de trabalho, dos mercados de trabalho, dos produtos e padrões de consumo. Caracterizam-se pelo surgimento de setores de produção inteiramente novos, novas maneiras de fornecimentos de serviços financeiros, novos mercados e, sobretudo, taxas altamente intensificadas de inovação comercial, tecnológica e organizacional. A acumulação flexível envolve rápidas mudanças dos padrões de desenvolvimento desigual tanto entre setores como entre regiões geográficas, criando, por exemplo, um vasto movimento no emprego no chamado "setor de serviços", bem como conjuntos industriais completamente novos em regiões até então subdesenvolvidas.

Dentre os aspectos positivos da globalização pautada na flexibilização, destacam-se a geração de empregos em países em desenvolvimento, mediante a abertura de filiais em países emergentes, a comunicação imediata e a circulação de conhecimentos científicos e de troca de experiências o que tem promovido avanços nos segmentos da saúde, da educação, e de outras áreas, além do favorecimento do intercâmbio cultural, político e social mediado pelas novas tecnologias da informação e da comunicação (TIC), dentre outros. Portanto, no sistema de produção flexível o preço final do produto pode ficar mais acessível para o consumidor final, devido à exploração do homem pelo homem, uma vez que os custos de produção são reduzidos nas distintas etapas de produção. Contudo, estão implícitas outras questões de cunho negativo, a exemplo do risco iminente de crise entre países e blocos econômicos, em função da dependência econômica gerada pela acumulação flexível, a exemplo da crise econômica dos Estados Unidos no ano de 2008 e na Europa, em 2011, com repercussões mundiais, com a desvalorização das moedas locais e o desfavorecimento de especulações financeiras dos países em desenvolvimento.

Além desses aspectos, também se destacam: a facilidade de transferência de empresas e empregos temporários, subcontratados e terceirizados, desresponsabilizando, diretamente as empresas do vínculo empregatício e do barateamento de mão-de-obra, (via de regra, desqualificada ou pouco qualificada); a baixa carga de impostos o uso de matéria-prima barata advinda dos países em desenvolvimento, dentre outros fatores estes, que concorrem para a realocação de empresas advindas de países desenvolvidos, nos quais, o custo de produção é

consideravelmente alto, também culminando com o desemprego em virtude a transferência de empresas.

Outro fator de importância refere-se às questões das diferenças de gênero nas relações sociais de produção e na acumulação flexível da reestruturação produtiva do trabalho, nas quais se observa uma diferenciação no trato entre femininos e masculinos no mercado de trabalho, presenciando-se a exploração da mão-de-obra feminina e a posição de subalternidade e inferioridade feminina no mercado de trabalho.

Nesse sentido, as diferenças de gênero incorporadas pelo mercado de trabalho resultam na reestruturação de sua organização, visível na terceirização de serviços ou de etapas do processo produtivo, na subcontratação e no assalariamento, por vezes, sem reconhecimento dos direitos legais, fato advindo da divisão sexual do trabalho e, por conseguinte, com a inserção feminina no mercado de trabalho, conforme afirma Hirata (2001, p. 143):

Os efeitos da globalização, complexas e contraditórias, afetaram desigualmente o emprego masculino e feminino nos anos noventa. Se o emprego masculino regrediu ou se estagnou, a liberalização do comércio e a intensificação da concorrência internacional tiveram por consequência um aumento do emprego e do trabalho remunerado das mulheres ao nível mundial, com a exceção da África Subsaariana.

A participação feminina no mundo do trabalho se evidencia mediante a acumulação flexível como forma de subsidiar o capitalismo, conforme afirma Luz (2003 p. 1): “a globalização associou-se a um novo padrão de acumulação de capital na utilização do trabalho mais flexível”.

De acordo com Hirata (2001), o início da inserção feminina no mundo do trabalho caracterizou-se pela desigualdade salarial e pela vulnerabilidade às doenças, devido à exaustão da carga horária de trabalho. Podendo-se dizer que nesse processo “as mulheres podem ser mais facilmente ‘cobaias’ de experimentações sociais porque são menos protegidas, tanto pela legislação do trabalho quanto pelas organizações sindicais, e são mais vulneráveis” (ibid. p. 144). Fato que culminou em oportunidades, mas também em riscos representados às femininas no processo de globalização.

Para Marx (2002), a inserção feminina no mundo do trabalho se deu em função da introdução da maquinaria, que levou a introdução de trabalhadores sem força muscular; e como as femininas se apresentavam naquele momento, juridicamente, parcialmente capazes, serviam às necessidades e anseios do capitalismo. Embora consideradas frágeis, parcialmente

incapazes, elas serviam ao capitalismo, pois, ao passo em que reforçavam o exército de trabalhadores à disposição do capital, contribuíam simultaneamente para a diminuição/desvalorização dos salários dos homens. Assim como o salário feminino reforçando a produção de mais valia e absorvendo o dos homens, além de sua força de trabalho, a participação feminina e dos filhos que são incorporados como mão-de-obra (*ibidem.*), demonstrando de tal forma, que o elemento feminino, assim como as crianças, são propriedades do homem e do capitalista. Desse modo, a divisão sexual do trabalho implica não apenas na distribuição do trabalho por ramos ou setores de atividade, como no princípio organizador da desigualdade no trabalho (LOBO, 1991).

Corroborando com tal, Brito e Oliveira (1997, p. 252) afirmam que:

Que a divisão sexual do trabalho não cria a subordinação e a desigualdade das mulheres no mercado de trabalho, mas recria uma subordinação que existe também nas outras esferas do social. Portanto a divisão sexual do trabalho está inserida na divisão sexual da sociedade com uma evidente articulação entre trabalho de produção e reprodução. E a explicação pelo biológico legitima esta articulação. O mundo da casa, o mundo privado é seu lugar por excelência na sociedade e a entrada na esfera pública, seja através do trabalho ou de outro tipo de prática social e política, será marcada por este conjunto de representações do feminino.

A inserção feminina no mercado de trabalho ocasionou em altas taxas de mortalidade infantil, assinaladas pela ausência das mães nos cuidados das crianças, além de culminar com sua saída do lar, locus ‘natural’ feminino, considerado naquele momento pela sociedade, promovendo a degradação moral feminina vitimada pela exploração capitalista e, por conseguinte causando a ruptura da resistência masculina contra o capitalismo no período da manufatura, conforme afirma Saffioti (1979, p.36):

O primeiro contingente feminino que o capitalismo marginaliza do sistema produtivo é constituído pelas esposas dos prósperos membros da burguesia ascendente. A sociedade não prescinde, entretanto, do trabalho das mulheres das camadas inferiores. Muito pelo contrário, a inferiorização social de que tinha sido alvo a mulher desde séculos vai oferecer o aproveitamento de imensas massas femininas no trabalho industrial. As desvantagens sociais que gozavam os elementos do sexo feminino permitiam à sociedade capitalista em formação arrancar das mulheres o máximo de mais-valia absoluta através, simultaneamente, da intensificação do trabalho, da extensão da jornada acumulação rápida de capital era insuficiente a mais-valia relativa obtida através do emprego da tecnologia de então. A máquina já havia sem dúvida, elevado a produtividade do trabalho humano; não, entretanto, a ponto de saciar a sede de enriquecimento da classe burguesa.

Inicialmente, a divisão sexual do trabalho foi bastante desfavorável para as femininas, que além de enfrentarem as duras tarefas da empresa, ainda lhes restavam às atividades domésticas. Contudo, deve-se lembrar de que as lutas e conquistas travadas pelas mulheres, pela igualdade de direitos e participação na sociedade são indícios de que a divisão social de sexos e a divisão sexual do trabalho caminham em simultaneidade, uma vez que são interdependentes. A primeira é preexistente, pois foi uma conquista do feminismo quando lutou pelas categorias de sexo como categoria social, demonstrando a categoria gênero como uma construção social de base material (KERGOAT, 1996), ao invés de apresentá-lo como resultado biológico.

A divisão sexual do trabalho e as questões relacionadas a sexo e gênero legitimam as representações sociais ideológicas acerca de gênero resultando nas práticas de exclusão feminina, segregando-as nas esferas do trabalho reprodutivo.

2.2. Reestruturação Produtiva no Brasil e a Participação Feminina no Mundo do Trabalho

Compreender o trabalho como atividade humana na sociedade contemporânea implica no entendimento sobre a forma como o trabalho altera a dinâmica histórica e geográfica. Para isso, a década de 1970 apresenta um elemento importantíssimo para essa compreensão, pois diante da crise econômica mundial do capitalismo originou-se a reestruturação produtiva, com ênfase na flexibilidade do processo de trabalho e de acumulação do capital, adotado pelos setores industriais, seguindo o padrão japonês do Toyotismo.

O início da reestruturação produtiva no Brasil se dá a partir do ano de 1980, com um processo de reorganização das forças produtivas na reprodução do capitalismo, ocorrendo, nos diversos setores industriais e principalmente na indústria automobilística, vindo como uma estratégia para o país sair da crise advinda da década de 1970 do século passado, ocorrida nos países centrais, mas que repercutiu resultados negativos nos países periféricos. (SILVA, 2006).

O sistema de trabalho no país tivera mudanças significativas e com estas mudanças, a cultura social também passou por alterações no seu perfil, tendo em vista a força de trabalho compondo a sociedade. No entanto, a reestruturação produtiva como estratégia para sair de um cenário de crise, no capital mundial, apresenta alterações nas políticas das grandes empresas, isto é, a elaboração de planejamentos voltados a melhores formas de acumulação de capital, as quais não privilegiam a classe dos/as trabalhadores/as, mas, a dos capitalistas e dos

detentores dos meios de produção, tornando assim, a sociedade dependente do modo de produção capitalista.

Para a Silva (op. Cit.), uma saída para o Brasil, no cenário de crise, dar-se-ia pela sua entrada no mercado internacional, tornando-se mais competitivo, o que exigia das empresas uma maior rapidez na produção; produtos mais bem elaborados, por conseguinte, demandam maior força de trabalho e, isso não pode trazer custos maiores para o sistema produtivo, já que se busca sair da crise, produzindo desse modo, o rebaixamento dos salários para suprirem o aumento da produção, conforme afirma a mesma (2006, p.. 63): “a reestruturação produtiva visava, portanto, reduzir custos e elevar a produtividade. Deste modo, desde o decênio de 1980, percebem-se alterações na organização do trabalho, representação e ação política dos trabalhadores”.

A reestruturação produtiva apresentou no campo do capitalismo brasileiro, altos índices de produtividade e, simultaneamente produzindo a precariedade no seio da sociedade com traços de desigualdade social, em função de alterações nas políticas organizacionais do trabalho, como: o aumento da carga horária, negação de direitos trabalhistas, terceirização de serviços, contratações temporárias, expressas no fenômeno da flexibilização ou acumulação flexível, inclusive com a flexibilização das Leis trabalhistas.

Diante disto, o processo de reestruturação produtiva no Brasil durante a década de 1990 passara por três governos: Fernando Collor de Melo, Itamar Franco e Fernando Henrique Cardoso, os quais investiram na reestruturação produtiva e nas políticas de produção trabalhistas. Funcionando como aparelho ideológico, o Estado reforçou o sistema vigente mantendo o financiamento da produção pelo mercado estrangeiro, a terceirização de serviços, a fusão de empresas, a instalação de empresas multi e transnacionais como reflexos da globalização, causando na sociedade, transformações significativas que ora aparecem como resultados positivos, ora negativos, especialmente para a classe trabalhadora.

A reestruturação produtiva causou inúmeras precariedades para a classe trabalhadora, como o aumento do desemprego, a diminuição de diversos postos de trabalho, privatização de empresas públicas, retração no número de funcionários com o advento das tecnologias avançadas, como expresso pelo Toyotismo, redução dos salários, flexibilização das Leis trabalhistas, aumento das greves, maior liderança do capital estrangeiro, contratos de trabalho temporários, desvalorização do salário feminino em detrimento do masculino, dentre outros, alterando a configuração do mundo do trabalho na contemporaneidade.

A crise do capital se dava em virtude do “excesso de mercadorias e estoques, queda na produtividade e lucratividade, devido à competição internacional do capital e longo período

de expansão do pós-guerra”, (LOMBARDI,1997, p. 65). O que significou um avanço no capitalismo produtor a nível mundial.

Diante disto, as grandes corporações maximizaram esforços no intuito de aumentar a produtividade favorecendo a expansão da acumulação de capital e exploração da mão-de-obra trabalhadora, por conseguinte, produzindo desemprego estrutural, o exército industrial de reserva e desigualdade social, mediante mecanismos de dominação sobre a classe trabalhadora, conforme afirma Silva (2006, p. 51) “[...] uma parte de trabalhadores é induzida ao desemprego ou subemprego conforme seja as necessidades de acumulação e expansão do capital, criando-se uma superpopulação relativa ou exército industrial de reserva”.

Partindo destes pressupostos a produtividade no setor trabalhista necessita de uma acumulação do capital em curto espaço de tempo pela alta produtividade, o que faz com que os trabalhadores tenham uma carga horária de trabalho que não condiz com o seu salário, sendo mais uma das características do processo capitalista.

Sumarizando o pensamento de Harvey, a estratégia de mais-valia absoluta tem sido posta em prática através da imposição de mais horas de trabalho aliada à redução dos salários reais e ao consequente rebaixamento do padrão de vida, por meio da transferência do capital corporativo de regiões de altos salários para outras de baixos salários, criando-se o “fordismo periférico” (LOMBARDI, 1997, p. 65).

A reestruturação produtiva ocasionou transformações significativas para o mundo do trabalho e, conseqüentemente, provocou alterações na sociedade contemporânea. Devido à acumulação de capital, a população se torna alvo deste processo para suprir suas necessidades, pois o capitalismo utiliza da mão-de-obra barata para alcançar seus objetivos de acumulação excessivos.

Com as características da reestruturação produtiva do trabalho, que adotaram as grandes indústrias e que prevalecem até os dias de hoje, o homem passa a ter seu tempo mais limitado e ocupando assim a maior parcela do dia no trabalho, porém em muitos casos, as condições de vida saudável se alteram, para uma decadência, tanto física como psicologicamente. Essas novas características de produção favorecem a participação feminina no mundo do trabalho, o que torna mais competitivo, além da substituição da figura masculina pelas novas tecnologias.

Abarcando a questão de gênero na divisão sexual do trabalho, busca-se uma compreensão sobre as características do sexo masculino e feminino e seus lugares no âmbito do trabalho, características estas que, muitas vezes, pode apresentar distinções de lugar para

lugar. Vale salientar que estas distinções são formas de analisar o trabalho e não, de se afirmar que haja superioridade do trabalho masculino sobre o feminino, como se via no início da socialização dos indivíduos e, até mesmo no princípio da reestruturação produtiva.

Para Évora (2010), na sociedade contemporânea a questão de gênero implica na igualdade, participação e direitos entre masculinos e femininos, diante das conquistas e lutas femininas ao longo da história, pois:

[...] com o novo projeto de sociedade, procura-se demonstrar a equivalência entre os sexos de forma inequívoca no domínio público, intelectual e social, com leis mais favoráveis ao estatuto jurídico da mulher que trabalha, e ao mesmo tempo, aposta-se no investimento no domínio profissional da mulher. (ÉVORA, 2010, p. 3)

De acordo com dados da FIBGE/PNAD (Programa Nacional por Amostra de Domicílios -microdados (2007), apresentado pela Fundação Carlos Chagas:

As mulheres ganham menos que os homens independentemente do setor de atividade econômica em que trabalhem. No ramo da educação, saúde e serviços pessoais, espaço de trabalho tradicionalmente feminizado, em 2007, por exemplo, encontraremos $\frac{1}{4}$ dos trabalhadores e 11% das trabalhadoras ganhando mais de 5 Salários mínimos. Comparativamente a 2002, constata-se que diminuiu o número de trabalhadores de ambos os sexos com ganhos naquela faixa de remuneração (ganhavam mais de 5 SM 30% deles e 15% delas), corroborando a persistência da queda nos rendimentos do trabalho nos últimos cinco anos da série.

Como efeitos da reestruturação produtiva resultam também a desvalorização da força de trabalho da classe trabalhadora e a necessidade de mais membros da família no mercado de trabalho. Contudo, esse aumento e participação feminina no mercado de trabalho é resultado de sua luta por inserção nesse mercado e garantia de igualdade de direitos, de participação societária e nas decisões travadas nos espaços de debate, públicos e privados. A participação nos espaços públicos são conquistas por parte dos movimentos feministas desde a década de 1970, ocorrendo nos dias atuais com maior ênfase e repercussão.

À luz dos estudos de Araújo, Amorim e Ferreira (2004) abrange-se o conhecimento sobre a participação feminina no mercado de trabalho, inicialmente precária, apresentando significativa desigualdade salarial, de acesso aos direitos trabalhistas e até mesmo na ocupação dos postos de trabalho específicos para masculinos e femininos, reafirmando a construção de papéis e construções sociais atribuídas a gênero, conforme se expressa na

pesquisa realizada pela Fundação Carlos Chagas (2007), no período de 2002 a 2007 denotando:

Uma clara segmentação quanto às áreas de atuação profissional de homens e de mulheres. Cerca de 1/3 destas, por exemplo, desenvolviam profissões dos serviços, um pouco mais de 10% em atividades de vendas no comércio, igual proporção em serviços administrativos. A proporção de trabalhos femininos relativos à agropecuária, porém, decresceu no período, acompanhando a queda da ocupação geral no setor: de 16,5% em 2002, para 13,8% em 2007. Quer dizer, os dados informam que para o grosso do contingente feminino, as chances de trabalhar são maiores em determinados setores econômicos - principalmente o setor de Prestação de Serviços, e em grupos de ocupações típicos desse setor, nos quais sua presença já é tradicional, como professoras, pessoal de enfermagem, secretárias, recepcionistas. Representam, portanto, continuidades no padrão de ocupação das mulheres. Os homens, por seu lado, têm maiores chances em trabalhos de produção de bens e serviços industriais, de reparação e manutenção (cerca de 33%), em profissões da agropecuária (pouco mais de 20% e também decrescente no período), de vendas (11%), em profissões técnicas de nível médio (próximo dos 7%).

Diante disto, nota-se que a participação feminina no mercado de trabalho vem aumentando de forma significativa, alcançando cada vez mais novos lugares nos setores empresariais, e assim, novos modelos das femininas serem incluídas na sociedade de forma mais justa e digna.

Refletindo à luz das palavras de Évora (2010), pode-se afirmar que o final do século XX e início do XXI, apresentam mudanças significativas no mercado do trabalho, colocando o feminino não mais inferior ao masculino, mudando assim as estruturas da sociedade e configurando outra face em que possa ver o masculino e o feminino de forma onde cada um possa ter suas maneiras de trabalho, mas que deve ser vista de forma igualitária e que homens podem assumir trabalhos femininos e também mulheres podem assumir os trabalhos antes considerados masculinos.

No entanto, o fato de o feminino estar a cada dia alcançando, novos e mais valorizados cargos profissionais, e isso se devem às grandes conquistas históricas pelos movimentos feministas, fazendo com que participação feminina tenha mais valor, tenha o seu lugar no espaço como pessoa capaz de pensar e transformar trabalho em lucro. Embora, ainda hoje haja o preconceito e o machismo dentro de algumas repartições ou sobre algumas condutas organizacionais a respeito da igualdade de gênero e trabalho, conforme afirma Évora (2010, p.3):

O que a literatura crítica sobre gênero e trabalho vem procurando chamar a atenção é que as estruturas organizacionais mais convencionais - consideradas racionais e objetivas- são feitas à imagem masculina, revelam a presença de uma teoria implícita das diferenças entre os sexos porque, no mundo nas esferas empresarial, da administração pública e política, enfim, no mundo institucional, a identidade feminina tem que se redefinir, mesmo que por brechas, porque essas esferas são reconhecidamente, antes de tudo, um mundo de homens que não foi nem pensado por mulheres, nem feito por elas.

Assim, se observa a desigualdade no setor trabalhista ser advinda de uma cultura socialmente soberana e masculina, voltando-se às responsabilidades nas atividades profissionais específicas para homens e desvalorizando o trabalho feminismo.

Conforme Bruschini (1998) a inferiorização feminina em relação ao homem se expressa nos rendimentos percebidos, pois 95,85% dos masculinos receberam mais de cinco salários mínimos contra 66% das femininas, considerando-se inclusive, os que passaram mais de 15 anos na escola. Além disso, conforme Hirata (2001, p. 148), a “atividade feminina continua concentrada em setores como serviços pessoais, saúde e educação. Contudo, a tendência a uma diversificação das funções mostra hoje um quadro de bipolarização”:

[...] num extremo, profissionais altamente qualificadas, com salários relativamente bons no conjunto da mão-de-obra feminina (engenheiras, arquitetas, médicas, professoras, gerentes, advogadas, magistradas, juízas, etc.), e, no outro extremo, trabalhadoras ditas de “baixa qualificação”, com baixos salários e tarefas sem reconhecimento nem valorização social. Essa bipolarização não surge apenas nos países europeus desenvolvidos, mas também em países semi-industrializados como o Brasil (*ibidem*).

Outro fator relevante com a conquista feminina dos postos de trabalho refere-se à mudança no perfil da sociedade em termos demográficos, pois ao dedicar-se aos cuidados do lar e ao trabalho externo, configurando, portanto, um esforço maior na jornada de trabalho diária, há uma maior preocupação com o planejamento familiar resultando no decréscimo do número de filhos por casais (de um a dois filhos, no máximo). Essa queda da taxa de fecundidade é consequência de vários fatores, tais como projetos de educação sexual, planejamento familiar, utilização de métodos contraceptivos, expansão da urbanização, maior participação feminina no mercado de trabalho, dentre outros.

No Brasil, o período das últimas cinco décadas indica a queda do ritmo de crescimento populacional, contrastando os índices de aumento de 3,0% ao ano na década de 1950, e 1,17% na última década. As taxas de fecundidade causaram mudança da estrutura etária populacional, com maior expectativa de vida e, por outro lado, a diminuição do número médio

de filhos por mulher. Conforme o IBGE (2010), o período entre 1940 a 2010 apresentou índices de 6,16 filhos e 1,90, respectivamente, este último, inferior ao nível de reposição, considerado como 2,10 filhos por mulher.

Tabela 1: Taxa de fecundidade total, segundo as Grandes Regiões – 1940/2010.

Grandes Regiões	Taxa de fecundidade total							
	1940	1950	1960	1970	1980	1991	2000	2010
Brasil	6,16	6,21	6,28	5,76	4,35	2,89	2,38	1,90
Norte	7,17	7,97	8,56	8,15	6,45	4,20	3,16	2,47
Nordeste	7,15	7,50	7,39	7,53	6,13	3,75	2,69	2,06
Sudeste	5,69	5,45	6,34	4,56	3,45	2,36	2,10	1,70
Sul	5,65	5,70	5,89	5,42	3,63	2,51	2,24	1,78
Centro-Oeste	6,36	6,86	6,74	6,42	4,51	2,69	2,25	1,92

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 1940/2010.

A estrutura etária na região do município de Cajazeiras – PB, cidade onde está localizada a E.E.E.F.M. Professor Crispim Coelho, apresenta um índice da população com menos de 15 anos à 65 anos ou mais, apresentando uma diminuição da população jovem e aumento da população idosa.

Tabela 2: Estrutura Etária da População - Cajazeiras - PB

Estrutura Etária	População (1991)	% do Total (1991)	População (2000)	% do Total (2000)	População (2010)	% do Total (2010)
Menos de 15 anos	18.158	36,46	15.638	29,39	13.628	23,32
15 a 64 anos	28.200	56,63	33.418	62,81	39.424	67,45
65 anos ou mais	3.442	6,91	4.149	7,80	5.394	9,23
Razão de dependência	76,59	0,15	59,21	0,11	48,25	0,08
Índice de envelhecimento	-	6,91	-	7,80	-	9,23

Fonte: Atlas do desenvolvimento Humano 2013

No Brasil, o crescimento da atividade feminina no mercado de trabalho pode ser visualizado a partir de indicadores do IBGE (2013, p. 6), em dois períodos distintos, de 1993 a 2005 e, no ano de 2013, a respeito População Economicamente Ativa (PEA) feminina.

No ano de 1993 a População Economicamente Ativa (PEA) feminina passou de 28 para 41,7 milhões, a taxa de atividade de 47% para 53% e o percentual de femininos no conjunto de trabalhadores/as passou de 39,6% para 43,5%. Portanto, dobrou o número de população feminina em idade ativa que trabalhou ou procurou trabalho em 2005 e, para cada

100 trabalhadores, mais de 40 eram do sexo feminino. Nesse período, a população feminina em idade ativa ainda estava longe de atingir o percentual do público masculino em atividade, que variou de 76 em 1993 e 74, em 2005, conforme tabela seguinte:

Tabela 3: Homens e mulheres no mercado de trabalho: indicadores de participação econômica. Brasil 1993 e 2005¹

Mulheres							
Anos	PEA			Ocupadas		Empregadas *	
	(Milhões)	Taxa de atividade	% de mulheres na PEA	(Milhões)	% de mulheres entre os ocupados	(Milhões)	% de mulheres entre os empregados
1993	28	47,0	39,6	25,9	39,0	11,1	31,8
2005	41,7	53,0	43,5	36,6	42,1	17,5	36,6
Homens							
Anos	PEA			Ocupados		Empregados *	
	(Milhões)	Taxa de atividade	% de homens na PEA	(Milhões)	% de homens entre os ocupados	(Milhões)	% de homens entre os empregados
1993	42,8	76,0	60,4	40,5	61,0	23,8	68,2
2005	54,2	74,0	56,5	50,4	57,9	30,4	63,4

Fonte: FIBGE/PNAD. Microdados.

No ano de 2013, a PEA feminina de seis regiões metropolitanas brasileiras (Recife, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre) atingiu índices que variaram entre 46% a 48,8%, e a PEA masculina de 51,2% a 54,5%, demonstrando uma aproximação entre os percentuais femininos e masculinos, com tendência a igualdade nos índices da PEA, conforme tabela a seguir:

Tabela 4: Indicadores de distribuição da população economicamente ativa, por região metropolitana, segundo algumas características em janeiro de 2013

População economicamente ativa (%)	Total das seis áreas	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre
Sexo:							
Masculino	53,4	54,0	51,2	53,7	54,5	53,0	53,1
Feminino	46,6	46,0	48,8	46,3	45,5	47,0	46,9

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Mensal de Emprego.

¹ Exclusive Empregados Domésticos

² Considere-se neste item, homens como masculino e mulheres, feminino.

A população ocupada apresenta percentuais médios de 46,1 para o feminino e 53,9 para o masculino, nas seis regiões metropolitanas consideradas.

Tabela 5: Indicadores de distribuição da população ocupada, por região metropolitana, segundo algumas características em janeiro de 2013

População ocupada (%)	Total das seis áreas	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre
Sexo:							
Masculino	53,9	54,5	52,3	54,1	55,1	53,5	53,3
Feminino	46,1	45,5	47,7	45,9	44,9	46,5	46,7

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Mensal de Emprego.

Num ponto de vista bem contemporâneo, pode-se notar que a identidade feminina vem se redefinindo bem como defensora de seus propósitos em conquistar novos espaços como conquista de direito à igualdade de oportunidades. Como exemplo dessas redefinições, presencia-se, não apenas no espaço doméstico onde, geralmente participa como membro da entidade familiar, mas também, muito timidamente, na política, no setor empresarial, a visibilidade feminina do campo, no âmbito produtivo e reprodutivo como detentoras de direitos e dignidade, dentre outras.

2.3 A família no processo da divisão social do trabalho: transformações na sociedade contemporânea

Conforme Viana (2000, p. 22) a expressão família, em sua etimologia, deriva do latim *família ae*, designando “o conjunto de escravos e servidores que viviam sob a jurisdição do pater famílias”. Sua expansão tornou-se sinônimo de ‘Gens’, o conjunto de agnados, ou seja, submetidos ao poder em decorrência do casamento; e os cognados, ou parentes maternos. Daí parte-se do conceito de família como entidade familiar.

A entidade familiar foi compreendida, inicialmente, pela figura do pai e da mãe, seguida da presença dos filhos, os quais continuam o ciclo reprodutivo trazendo sua ascendência para complementação daquela, nesse caso, por laços de sangue, além de complementarem a entidade com laços de afinidades, pelo ingresso de cônjuges e parentes.

“Ao longo do tempo, a formação familiar incluiu a luta por direitos originando o Direito de Família como forma de regular a posição de cada membro na constituição da entidade familiar” (PEREIRA, 2004, p. 10-11). A constituição de uma sociedade, desde a

História Antiga (Oriental e Clássica) tem seus princípios pautados na organização familiar, de onde advêm também os princípios de organização da família brasileira.

No Direito Romano a família reproduzia-se, via de regra, segundo uma sociedade patriarcal. A morte do pai implicava na sucessão ao filho mais velho ou outro parente de mesmo sexo. Às mulheres resguardava-se o direito à escolha de permanecer na autoridade do pai, ou casar-se e ser submissa ao marido. Já no Direito Canônico, o casamento era realizado mediante a autorização familiar e o consenso dos envolvidos, inclusive ensejando cláusulas de impedimentos, em caso de idade, infertilidade, diferentes religiosidades, casamento anterior, dentre outras, as quais estão ainda presentes no Direito Brasileiro.

No Brasil, o Código Civil de 2002 apresentou mudanças significativas concernentes ao fim da indissolubilidade do casamento e a atribuição feminina de poder chefear a família. Na atualidade, o direito de família tomou novas configurações e deixa de perceber a família apenas como instituição jurídica, tornando-se instrumento de promoção da personalidade humana, promovendo não apenas a ascendência familiar a ser reproduzida, mas a própria constituição pelos sujeitos que compõem os novos modelos de família com pessoas do mesmo sexo, do sexo oposto, dentre outras.

Para a realização das análises a respeito da família no processo social do trabalho se buscou alguns levantamentos históricos das formas como as famílias se caracterizavam, assim foi encontrado o formato da família nuclear burguesa, composta por pai, mãe e filhos (SOUSA e RIZZINI, 2001), a qual era formada através da união de um homem e uma mulher, adultos, que através de relação sexual geram filhos.

Na sociedade contemporânea o perfil da família ainda se apresenta em maior proporção como esse modelo de família nuclear burguesa, embora nos dias atuais haja mudanças neste perfil, conforme afirmam Sousa e Rizzini (2001) em estudos sobre as famílias Goianienses:

- a- Nuclear simples – família constituída pelo casal em que ambos tiveram apenas uma união e têm ou já tiveram filhos;
- b- Mononuclear – família constituída pelo casal, em que ambos tiveram apenas uma união e nunca tiveram filho(s);
- c- Monoparental feminina simples – organizada em torno da figura feminina, que não tem companheiro co-habitando;
- d- Monoparental masculina simples – organizada em torno da figura masculina, que não tem companheira co-habitando.
- e- Nuclear extensa – Família constituída pelo casal, em que ambos tiveram apenas essa união e têm ou já tiveram filho(s), com agregados adultos (maiores de dezoito anos) morando juntos;

- f- Nuclear com avós cuidando dos netos – Família constituída pelo casal de avós, que cuidam e educam os netos de menos de dezoito anos;
- g- Nuclear reconstituída - Família constituída pelo casal, em que um deles ou ambos já tiveram mais de uma união conjugal;
- h- Nuclear com criança(s) agregada(s) - família constituída pelo casal em que ambos tiveram apenas uma união e têm ou já tiveram filha(s) biológicos, com criança(s) que não são filho(s) morando juntos;
- i- Monoparental com criança(s) agregada(s) – família organizada em torno da figura feminina ou masculina, que não tem companheiro (a) co-habitando, que têm ou já tiveram filho(s) biológicos, com criança(s) que não são filha(s) morando juntos.
- j- Monoparental feminina extensa – família organizada em torno da figura feminina, que é mãe e não tem companheiro co-habitando, com agregados adultos (maiores de dezoito anos), morando juntos;
- k- Monoparental masculina extensa – família organizada em torno da figura masculina, que é pai e não tem companheira co-habitando, com agregados adultos (maiores de dezoito anos), morando juntos;
- l- Atípica – família organizada em torno de adultos ou adolescentes, com ou sem vínculos sanguíneos, sem a presença dos pais, que co-habitam por questão de sobrevivência material e/ou afetiva; pessoas que moram sozinhas, casais de homossexuais femininos ou masculinos.

A multiplicidade de modelos na constituição familiar contém em sua maioria a presença feminina e são oriundos em geral, das lutas e conquistas de movimentos feministas e outros movimentos sociais pelo direito à liberdade de expressão, ao reconhecimento das distintas identidades de gênero, garantia de direitos à igualdade e de participação societária.

A libertação feminina e a conquista de direitos se exprimem em sua participação nas alterações sofridas pela sociedade contemporânea, no tocante à reestruturação produtiva, a partir da qual a divisão social do trabalho provocou mudanças na composição familiar, com significativo dinamismo histórico.

A influência da divisão social do trabalho promove, pois alterações no perfil familiar, a partir da precarização do modelo de trabalho e, conseqüentemente o desemprego, que começava a surgir na sociedade com maior proporção no ano 1990 devido à crise dos anos anteriores, promovendo, assim o princípio das mudanças sociais devido às mudanças negativas na renda familiar.

Segundo Marx (2006, p. 45), a divisão do trabalho, fruto da revolução industrial, trouxe transformações profundas na sociedade com impactos sobre a estrutura da família mudando suas formas tradicionais, para responder a um plano de estabilização econômica do capitalismo, através da divisão social do trabalho.

Além da luta das mulheres por direito à igualdade de participação, a diminuição dos salários, o aumento do desemprego e do subemprego provocaram na família a decadência financeira, fazendo com que a participação feminina se expanda na sociedade capitalista.

Assim como já foi citado neste trabalho, que no princípio do trabalho feminino, a mulher tivera passado por uma árdua batalha para conquistar seu lugar na sociedade de forma profissional, trilhando os caminhos da rejeição, do preconceito e da desigualdade, fato ainda presente na sociedade atual, sobretudo quando consideramos as questões étnicas e de geração, transversais a gênero. A reversão desse quadro encontra força nos coletivos feministas como expressão de lutas que se agregam nas discussões relativas à igualdade de gênero, geração e etnia na conquista da cidadania e da dignidade humana:

[...] que o feminismo adquire uma prática de ação política organizada. Reivindicando seus direitos de cidadania frente aos obstáculos que o contrariam, o movimento feminista, na França, assume um discurso próprio, que afirma a especificidade da luta da mulher (ALVES e PITANGUY, 1991, p. 32).

Isto mostra que a participação feminina de forma mais ativa na sociedade, tem uma grande parcela no perfil da família, desde o princípio de suas conquistas com o divórcio, depois com a entrada no mercado de trabalho mesmo de forma precária, e com os tempos atuais vindos a conquistar os lugares de destaque na profissão, dividindo então a renda familiar como o/a cônjuge.

Com o surgimento do movimento de emancipação feminina, as mulheres passaram a trabalhar fora, “mas mantiveram a responsabilidade emocional pela casa e pela família”. Para as mulheres que conseguiram alcançar a presidência de grandes empresas e as que estão quase lá defendem que é possível, sim, conciliar a vida profissional e a pessoal, mas não sem sacrifícios. O segredo é ter uma boa equipe para trabalhar nas tarefas domésticas. (SANTOS, 2010, p. 2).

Diante disto, a família se encontra num momento de mudanças aceleradas, que se refere na redução de filhos por casais na contemporaneidade, em consequência da maior dedicação do tempo dos pais à profissão. Ainda mais, a grave crise econômica que repercute na diminuição do número de filhos, dentre outros fatores encontram justificativa na divisão social do trabalho apresentada como fator determinante dessas mudanças, perante a relação da família com o trabalho na reestruturação produtiva.

Diante dessas transformações, a família se constitui pela forte dinâmica social e segundo o contexto histórico e geográfico, ou seja, ela vem se alterando conforme as mudanças ocorridas nos setores econômicos, políticos e culturais, os quais atingem seus membros, interna e externamente, como processo natural que está em constante evolução.

Assim, a reformulação da sociedade contemporânea é destacada através destes fatores da divisão social do trabalho, vale ressaltar a importância da globalização sobre o espaço geográfico, que vem possibilitando a informação de forma acelerada, gerando informações como produto da informática, e que esse conhecimento também está associado aos fatores de transformação social, por meio da divisão social do trabalho, na medida em que atribui formação e conhecimento profissional para ambos os sexos em idades diferenciadas.

Cabe aqui também refletir sobre a participação do Estado com a disponibilização de políticas sociais para atender às necessidades das famílias e ao planejamento familiar, já que o período em que vivemos configura-se com uma série de problemas em meio à sociedade, assim como: desemprego e desabrigados, drogas e prostituição, violências, discriminações, entre outros.

Conforme Bastos, (2010, p. 06):

A Declaração Universal dos Direitos do Homem de 19 48 já previa em seu artigo XVI, 3. “A família é o núcleo natural e fundamental da sociedade e tem direito à proteção da sociedade e do Estado”. O Pacto de San José da Costa Rica ratificado pelo Brasil em 1992 refere no artigo 17 a proteção da família. Também o Protocolo de San Salvador no art. 15 que refere o “direito à constituição e proteção da família”.

Pode-se dizer aqui, que o dever do Estado, está em atender a sociedade na disponibilização de políticas públicas, voltadas à saúde, educação e habitação, mas que isto vem se configurando mediante o Estado Mínimo, via de regra, amparado como uma extensão dos anseios das populações organizadas, onde, na realidade, retratam a negação dos direitos humanos expressos pela escassez ou inadequação dos serviços em geral, como segurança, saúde, educação, e no desemprego crescente, na falta de infraestrutura que possibilite melhores condições de vida para sociedade e, por conseguinte, para a família.

Portanto, a compreensão sobre as transformações na sociedade contemporânea se faz através da presença da família, a partir da qual a participação feminina vem conquistando espaços no mercado de trabalho, nos espaços públicos e privados, de decisões e debates.

Para a compreensão desse dinamismo societário mediado pela participação feminina e familiar, discutirá no capítulo seguinte como a escola pode intervir na realidade dos educandos, a partir de distintas linguagens no ensino de Geografia, especificamente a arte teatral para a compreensão do papel da família na dinâmica da sociedade capitalista.

3. NOVAS LINGUAGENS NO ENSINO DE GEOGRAFIA NA ABORDAGEM DA FAMÍLIA NA SOCIEDADE CAPITALISTA

Assim como foi citado no 1º capítulo deste trabalho, no Brasil, as escolas públicas ainda se prendem aos métodos tradicionais, voltado para as aulas expositivas e transmissão do conteúdo presente apenas nos livros didáticos, sem que seja contextualizado com a realidade do educando, fator este que vem distanciando cada vez mais, os educandos da aprendizagem significativa, especialmente se considerar a dinâmica societária atual inserida nas novas TIC.

Desde a segunda década do Século XX uma multiplicidade de transformações políticas, tecnológicas, culturais e socioeconômicas vem se desenrolando, o que tem tornado complexo o ato de ensinar, exigindo da escola a adaptação às novas tecnologias e linguagens no ensino, principalmente, no ensino de Geografia voltado para a interpretação do espaço geográfico do qual faz parte os seres humanos.

Diante desse desafio, estão de um lado os professores que necessitam de aparato estatal para atender qualitativamente às demandas educacionais de crianças, jovens e adultos, os quais anseiam por aprendizagens significativas, contextualizadas com suas realidades e capazes de suscitar o interesse pelos conteúdos estudados.

Contrária a essa perspectiva do processo de ensino, Castellar (2005, p. 212) diz que “a transmissão do conhecimento que utiliza a memorização, a redução e a repetição como estratégia principal de ensino-aprendizagem, valorizando o saber prescrito presente nos livros didáticos, limitando-se à descrição de lugares e à narração de fatos”.

Durante a pesquisa realizada na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor Crispim Coelho junto a uma professora de Geografia, quinze educandos do 2º Ano do Ensino Médio, diante da pergunta aos mesmos sobre o gosto pelos estudos, apenas seis educandos afirmaram gostar de estudar e que se sentem motivados pelos professores para os estudos. Quando perguntado sobre o que eles achavam das aulas de Geografia, quatro educandos afirmaram serem legais; dois educandos, ótimas e dois alunos responderam que a disciplina é chata e sem nexos; três afirmaram que a disciplina não possui qualquer relação com sua vida. Dos entrevistados, apenas um educando afirmou que as aulas são estimulantes e cinco afirmaram que a professora utiliza apenas o livro didático. Quanto à professora de Geografia, (APÊNDICE B) ao ser entrevistada a mesma afirmou que desenvolve suas aulas de forma variada com aulas expositivas, leitura e reflexão, exercício escrito e oral. Perguntou-se o que ela achava dos novos métodos de ensino, a partir do uso de novas linguagens, ela respondeu que:

“É interessante, porém não vale passar um filme ou outro método simplesmente por ser uma aula diferente, tem que ter um objetivo”.

Ela ainda falou que na utilização de novas linguagens, são poucas as vezes que a mesma utiliza, pois falta muito recurso na escola dificultando na utilização do mesmo. Sobre a pergunta de quais linguagens você conhece e utiliza na sala de aula, ela cita vídeo, Datashow, desenhos, imagens e textos. Já a respeito dos conteúdos, se eles têm alguma ligação com o cotidiano do aluno, a docente responde que:

“Sim através de aulas que enfocam a informação como: desigualdade social e meio ambiente”.

A mesma ainda coloca que:

“Há muitas dificuldades para desenvolver aulas dinâmicas voltadas para a construção do conhecimento a partir do cotidiano do aluno, pois existe falta de estímulo do próprio estudante”.

Desse modo, presenciou-se na referida turma da Escola Professor Crispim Coelho, o desestímulo dos educandos pela disciplina de Geografia, estes considerando a mesma como reprodutora de práticas educacionais mnemônicas, descontextualizadas, culminando na culpabilidade da ciência geográfica pela forma que vem sendo transmitida.

Estas reflexões reafirmam as observações quanto ao modo de ensino, que ainda vem se desenvolvendo nas escolas na atualidade, fortalecendo distanciamentos entre educando-educador-conteúdos.

As crescentes demandas da educação em torno das informações tecnológicas exigem novos olhares acerca da formação inicial e continuada de professores para o desenvolvimento do ensino, pautados em novas linguagens, metodologias e recursos capazes de ressignificar a produção de conhecimentos e saberes com base nas necessidades e realidades dos educandos, associando a responsabilidade do ensino-aprendizagem à ludicidade, e não à introspecção daqueles, conforme afirma Lara (2003, p. 30), “[...] a escola liga-se, pois, a disciplina, silêncio, estudo. Estudo em latim significa esforço. E aqui já começa o perigo de os alunos não se sentirem tão eufóricos”. Isso mostra que as escolas precisam ser transformadas em lugares de acolhimento, perdendo a condição de única detentora do conhecimento, e reconhecendo que os educandos possuem experiências de vida a partir das quais constroem conhecimentos, habilidades e competências.

A educação constitui-se em um ato coletivo, solidário, uma troca de experiências, em que cada envolvido discute suas idéias e concepções. A

dialogicidade constitui-se no princípio fundamental da relação entre educador e educando. O que importa é que os professores e os alunos se assumam epistemologicamente curiosos (FREIRE, 1998, p. 96).

Uma escola de formação cidadã constitui-se como lócus de construção de conhecimentos e de formação humana na perspectiva integral, promovendo momentos de entusiasmo, a partir da utilização de diferentes linguagens como a dança, música, o cordel, a arte teatral, além de muitas outras linguagens capazes de promover a transdisciplinaridade a partir do ensino de geografia e a aprendizagem lúdica em sala de aula.

Estas diferentes linguagens podem ser utilizadas nas aulas de geografia, como forma de facilitar a aprendizagem, viabilizando a construção do conhecimento no momento das aulas. Portanto, o professor de geografia pode explorar assim alguns dos conteúdos que antes se exploravam através do livro didático, desta forma por meio de apresentações teatrais, assim construindo o conhecimento a partir do espaço vivenciado pelo aluno, já que no teatro, tanto trabalha o uso do corpo e suas lateralidades, a mente e as emoções sensoriais, como também diferentes contextos, sociais, econômicos, políticos, entre outros.

Os conteúdos geográficos contribuem para uma maior interatividade no ensino quando nele está contida a realidade dos educandos, pois estes se inserem no espaço geográfico e na formação societária. O uso de diferentes linguagens auxilia na compreensão de mundo, permeado pelas representações sociais e por meios dos signos, símbolos e códigos. A utilização das novas TIC como recursos e linguagens se faz importante, uma vez que:

O mundo atual está impregnado por signos, códigos e linguagens que são interpretados de diferentes maneiras. Um dos elementos importantes no processo de organização e compreensão dessas linguagens múltiplas é construído no ambiente escolar, que insere dentro do seu universo a possibilidade de utilização desses recursos pelos professores (SACRAMENTO, 2012, p. 98-99).

Nesse contexto o professor deverá planejar suas aulas voltadas para o cotidiano, para que assim, haja uma reflexão e associação dos conteúdos pelo aluno diante do lugar vivenciado, para que, a partir daí se compreenda o espaço global. No entanto, o professor precisa antes de tudo refletir sobre os conteúdos e conceitos que serão utilizados por meio das diferentes linguagens, para que assim, haja um bom desenvolvimento e apreciação do mesmo.

Para isso, todos os recursos que sejam utilizados em sala por meio das diferentes linguagens, devem levar os professores a um conhecimento prévio de qual tipo de linguagem e suas características didáticas ela propicia para a construção do conhecimento em sala de aula. O professor que pretende inovar suas aulas precisa participar de cursos e oficinas

preparatórias destas diferentes linguagens, ao mesmo tempo, cobrar das políticas educacionais, cursos e materiais que os capacitem para esse novo método. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) destacam a importância do uso de diferentes linguagens como novas formas de aprendizagem. Uma das exigências das Políticas Educacionais atuais diz respeito à produção e a distribuição desses diversos tipos de linguagens e recursos para que o professor possa utilizá-los durante as aulas.

Nesse sentido, a acessibilidade a estes, na escola, para a utilização pelos professores em sala de aula torna-se imprescindível no planejamento pedagógico, a fim de desenvolver o interesse dos alunos, conduzindo-os a aprendizagens significativas.

O uso de diferentes linguagens nas aulas de Geografia impregna novos sentidos à aprendizagem escolar quando utilizado de forma planejada e coerente, além de promover aos educandos a compreensão e o gosto pelo conhecimento e o despertar de novos saberes, conforme constatou-se em nossa pesquisa quando foi proposto a utilização da arte teatral na turma do 2º Ano B do Ensino Médio da Escola Professor Crispim Coelho, o que demonstrou a importância da formação de cidadãos críticos, reflexivos, a partir da contextualização de suas histórias de vida com as dinâmicas e os conflitos existentes no espaço geográfico e social local.

3.1. Uma abordagem acerca da sociedade e da família em suas distintas formas de produção do espaço geográfico

Sabe-se que os seres humanos se relacionam entre si e com a natureza, da qual fazem parte desde sua origem, por relações que se dão ativamente, sem pausas, apresentando consideráveis transformações, tanto no social como no meio natural. Diante disso, uma definição de espaço geográfico se torna preciso como primeiro passo, para que se possa compreender a forma em que a sociedade produz e consome o espaço.

Perante as considerações a respeito de espaço geográfico, foram encontradas inúmeras formas de conceituá-lo por diversos autores da Geografia nas mais distintas categorias. Assim, detém-se as palavras do geógrafo Milton Santos, na obra *Por uma Geografia Nova: Da Crítica da Geografia a uma Geografia Crítica*. Santos (2008, p. 153), define o espaço da seguinte forma:

O espaço deve ser considerado como um conjunto de relações realizadas através de funções e de formas que se apresentam como testemunho de uma

história escrita por processos do passado e do presente. Isto é, o espaço se define como um conjunto de formas representativas de relações sociais do passado e do presente e por uma estrutura representada por relações sociais que estão acontecendo diante dos nossos olhos e que se manifestam através de processos e funções. O espaço é, então, um verdadeiro campo de forças cuja aceleração é desigual. Daí porque a evolução espacial não se faz de forma idêntica em todos os lugares.

Assim, pode-se analisar a formação do espaço como um processo que se desenvolve conforme o tempo passado e presente, onde o ser humano atua e transforma o meio natural para satisfazer suas necessidades e ambições, tornando-o uma natureza humanizada, na medida em que ocorre a dinâmica do tempo, a sociedade procura sua adaptação no espaço.

Nos dias atuais, o processo técnico-científico-informacional vivenciado na globalização é ressaltado como responsável por grandes transformações na sociedade. Com isso, as relações sociais são influenciadas levando a um comportamento com ideias diferentes, variando conforme a característica geográfica.

Referente à forma como a sociedade se apresenta nos dias atuais, pode então dizer que o processo de capitalismo é mediado por relações sociais de produção, transformando a sociedade, caracterizando-a essencialmente, pela competição resultante na reestruturação produtiva, e na mudança do perfil da sociedade, conforme afirma Santos (1978, p. 171):

[...] O espaço por suas características e por seu funcionamento, pelo que ele oferece a alguns e recusa a outros, pela seleção de localização feita entre as atividades e entre os homens, é o resultado de uma práxis coletiva que reproduz as relações sociais, [...] o espaço evolui pelo movimento da sociedade total.

Entretanto, o que compõe o espaço geográfico diante dos nossos olhares além dos fatores físicos estruturais, são as relações sociais de produção, nas quais se relacionam dominantes e dominados, numa expressão de exploração do ser humano pelo seu semelhante.

O sistema de produção capitalista produz a alienação dos sujeitos, fato que pode ser vislumbrado a partir da divisão sexual e social do trabalho, assim como da desvalorização da mão-de-obra da classe trabalhadora, da negação de seus direitos e de suas lutas diárias para a sobrevivência. Há aí, um processo de exploração duplo ocorrido pelo próprio sistema capitalista e pelo Estado, via instalação do Estado Mínimo, estes fatores culminam na deterioração do modo de vida dos sujeitos individual e coletivamente, especialmente se considerarmos a entidade familiar na sociedade por extratos de classes sociais, a partir dos quais, o ser humano tem um valor mediado pela força trabalho, quando na classe trabalhadora,

se insere noutras classes, seja como detentor dos meios de produção, seja como capitalista. Vale-se aqui das palavras de Santos (2007, p. 108) quando diz que “o valor do homem, assim como o do Capital em todas as suas formas, depende da sua localização no espaço”.

Esta dinâmica adentra o ambiente familiar envolvendo cada membro, produzindo e reproduzindo o espaço geográfico, na medida em que esses sujeitos exercem atividades econômicas transformando o espaço geográfico, conformando distintos lugares compostos por paisagens que imprimem as marcas de seu processo e modo de produção.

Outro fator na produção do espaço pela família consiste nos novos perfis da família, nos tempos atuais. Novos valores estão sendo desenvolvidos no seio da sociedade, formando também novas culturas, pois a família não é mais vista apenas por laços sanguíneos entre irmãos e por um pai e uma mãe, como no modelo tradicional. Como já afirmado anteriormente, há múltiplos modelos familiares, com a participação feminina em sua maioria.

Portanto, a reprodução do espaço geográfico se dá por relações sociais de produção mediatizadas pela sociedade, e nesta inclui-se a família como entidade capaz de produção e reprodução do modo de produção vigente, assim como capaz de transformação de seu próprio perfil na constituição de seus membros, os quais embora sejam amparados pelo ordenamento jurídico segundo a igualdade de direitos, enfrenta cotidianamente a desigualdade social, expressa especialmente pelas condições de renda, geração, etnia e gênero.

As reflexões a respeito de gênero deve-se tentar conceituá-lo através de algumas informações bibliográficas para que depois possa compreender a constituição familiar nos dias contemporâneos. Analisa-se gênero nas concepções de Joan Scott (1995, p. 75), para o mesmo o referido termo, “além de um substituto para o termo mulheres é também utilizado para sugerir que qualquer informação sobre as mulheres é necessariamente informação sobre os homens, que um implica o estudo do outro”. A autora afirma que o mundo das mulheres faz parte do mundo dos homens, que ele é criado nesse e por esse mundo masculino. “O termo gênero também é utilizado para designar as relações sociais entre os sexos” (SCOTT, 1995, p. 75), independente de ser homem ou mulher, pois segundo Simone de Beauvoir (1980) “ninguém nasce mulher, torna-se mulher”.

A questão de gênero passou a ser aceita e legitimada graças às lutas e conquistas feministas que, historicamente, vêm transformando a sociedade no tocante aos aspectos da cultura, dos direitos humanos, às regulações do mercado de trabalho com novas profissões a todos os gêneros, dentre outras.

Os movimentos feministas empreenderam lutas históricas e conquistas pela igualdade de direitos, pelo direito à diferença como forma de caracterização, mas não de inferiorização,

dentre outras lutas e conquistas, que tem a partir da década de 1960 maior visibilidade, sobretudo conquistas nas relações de trabalho e de decisões no espaço familiar (ARAÚJO, et. al. 2004).

Diante das conquistas feministas, estão também as novas formas de conceituar a família, partindo da participação feminina como líder da família, respondendo às responsabilidades financeiras. Com isto, a sociedade é introduzida a um momento de novos valores voltado para a igualdade nos direitos humanos.

A partir das concepções aqui elencadas acerca da família e da questão de gênero e suas repercussões na dinâmica societária, segue para a abordagem destas no ensino de Geografia, tomando como ponto de partida, a arte teatral.

3.2 Como ver a Geografia de forma artística

O espaço geográfico, objeto de estudo da Geografia é costumeiramente entendido a partir da relação sociedade-natureza. Sendo, pois um espaço onde ocorrem os fenômenos tanto de ordem física como também sociocultural.

Para Moreira (1982, p.35), “o espaço geográfico como estrutura de relações do social é a sociedade vista como sua expressão material visível, através da socialização da natureza pelo trabalho”. Desta forma, compreende-se que toda ação humana pode ter uma influência simples ou complexa na composição da dinâmica social e assim, conseqüentemente causar alterações significativas no espaço geográfico. Isto pode ser visto, por exemplo, quando se observa o perfil demográfico: quando crescente, ocorre uma demanda maior de estruturas educacionais, hospitalares dentre outros serviços, e vice-versa. Portanto, o espaço geográfico se consolida a partir das relações sociais de produção mediadas pelo trabalho humano.

Conforme assegura Santos (2009, p. 54):

Cada vez que a sociedade passa por um processo de mudança, a economia, as relações sócias e políticas também mudam, em ritmos e intensidades variados. A mesma coisa acontece em relação ao espaço e à paisagem que se transforma para se adaptar às novas necessidades da sociedade.

Para melhor compreensão da construção do espaço geográfico no âmbito do ensino de Geografia foi adotado uma metodológica, partindo da linguagem “arte teatral” como forma de aproximar os educandos do conteúdo, fazendo-os compreender sua inserção na sociedade, considerando os elementos da cultura na constituição familiar.

O propósito inicial desta pesquisa participante, resultante neste trabalho monográfico, importou na inovação de metodologias de ensino na sala de aula: o teatro como instrumento pedagógico, artístico e didático para auxiliar o processo de ensino/aprendizagem, tomando como ponto de partida a compreensão do espaço geográfico e sua produção pela sociedade através das relações sociais de produção.

Para esta ação, planejamos as etapas de execução da pesquisa e da ação, almejando a compreensão pelo educando e pelo professor da importância do teatro na disciplina de Geografia, não apenas como espetáculo, mas como elemento facilitador da aprendizagem e do ensino, considerando três princípios, segundo Marko, (2010, p. 40).

O teatro cumpre também um papel importante como prática de cidadania e participação, podemos apontar alguns aspectos que ampliam o protagonismo e a ação cidadã nas nossas comunidades através do uso da linguagem teatral: a) o estímulo, através da linguagem teatral, a troca de experiências entre jovens de diversas regiões e classes sociais; b) promove a elaboração de uma visão do ser humano crítica a partir da criação de cada espetáculo; c) Capacitação de líderes comunitários, educadores, teatro-educadores e jovens que venham a coordenar novos grupos de teatro.

Portanto, disposição, disponibilidade, espontaneidade e a utilização do jogo consistiram em aspectos favoráveis nesta pesquisa participante, desde os primeiros momentos em que optamos pelo desenvolvimento deste TCC na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio “Professor Crispim Coelho”.

A arte teatral como linguagem no ensino pode contribuir para instigar o educando a desenvolver o senso crítico nas atividades da disciplina de Geografia por meio de sua aproximação com o conteúdo social vivenciado, especialmente tornando-o partícipe desta ação, quando este conteúdo possui relação com sua vida pessoal, e que seja demonstrado espontaneamente, na ludicidade a partir de jogos.

A concepção de jogo neste trabalho restringe-se ao jogo teatral, vista por Spolin (2000, p. 4). “O jogo é uma forma natural de grupo que propicia o envolvimento e liberdade pessoal necessários para a experiência”. A mesma coloca ainda que:

[...] o jogo é psicologizante diferente em geral, mas não em categoria da ação dramática. A capacidade de criar uma situação imaginativamente e de fazer um papel é uma experiência maravilhosa, é como uma espécie de descanso do cotidiano que damos ao nosso eu, ou as férias da rotina de todo dia. Observamos que essa liberdade psicológica cria uma condição na qual tensão e conflitos são dissolvidos, e as potencialidades são liberadas no esforço espontâneo de satisfazer as demandas da satisfação. (SPOLIN, 2000, p. 5).

Partindo assim deste contexto, o presente trabalho fundamenta-se na perspectiva de tentar levar uma nova metodologia de ensino, utilizando o teatro e seus jogos dinâmicos no ensino-aprendizagem, com o objetivo de motivar a participação dos educandos e verificar se essa linguagem é aceita por estes, como instrumento pedagógico positivo.

Assim, a pesquisa está centrada em fundamentos teóricos que apontam a utilização do teatro por meio de especificidades, que envolvem os participantes, desde os jogos preparatórios até a encenação, após um processo de estudo, podendo assim, facilitar o desenvolvimento do conhecimento e a formação do indivíduo por vários ângulos. A partir daí, pode se fazer algumas observações sobre a utilização do teatro nas aulas de Geografia, na busca de uma melhor comunicação entre professor, aluno, colegas e conteúdos.

Por meio da técnica teatral, os conteúdos de Geografia podem ser melhores compreendidos e ainda ser dado um valor maior à disciplina pelos próprios educandos, pois vivenciando os temas utilizados em sala de aula, de forma cênica, pode ocorrer a construção do conhecimento pela encenação. Já os demais educandos podem ser ouvintes do conteúdo de forma mais ativa, pois estarão diante dos fatos sendo dramatizados, isto é, percebem os fatos a sua frente a partir da relação teoria-prática através da encenação como possibilidade de ampliação dos saberes, conforme afirma (BRECHT, 2005, P. 31), a ação dramática “envolve o espectador na ação e consome-lhe a atividade; proporciona-lhe sentimentos; leva-o a viver uma experiência; o espectador é transferido para dentro da ação”.

A importância do teatro no ensino de geografia contribui para a construção do conhecimento acerca das dinâmicas do meio social de maneira atraente e envolvente promovendo no educando a compreensão e construção do conhecimento, como afirma Castellar e Vilhena (2010, p. 6):

O aluno possa não só dar significado, mas compreender o que está sendo ensinado. Optando por uma metodologia de ensino que envolva o aluno na construção do conhecimento, espera-se que ele estude a partir de situações do cotidiano e relacione o conhecimento aprendido para analisar a realidade, que pode ser a local ou a global. Muitas vezes, é necessário ter uma referência na história, no passado e em outros lugares do mundo para estabelecer relações com o local e compreender o entorno.

Sobre este contexto, percebe-se que o aluno pode apresentar maior facilidade na aprendizagem, quando é proposto que ele esteja atuante no conteúdo exposto pelo professor, construindo conjuntamente o conhecimento com o professor. O uso do teatro e da dança, em sala de aula precisa ser cuidadoso a fim de que não se torne um método frustrante, pois é

preciso que sejam respeitadas as posições de não aceitação, sabendo-se que podem existir aqueles que resistam à participação imediata por uma postura mais tímida ou preconceituosa, o que pode ser trabalhado continuamente pelo professor.

Esta linguagem não necessita uma rigorosa postura tal qual se exige dos profissionais da arte cênica, pois para isso seria necessária uma maior carga horária do professor e dos educandos. Portanto, o teatro em sala de aula deve servir, antes de tudo, como meio de dinamizar as aulas e despertar o interesse dos educandos pela disciplina e pelos conteúdos, levando-os a percebê-la como instrumento de formação cidadã, assim como a descobrirem suas próprias habilidades, segundo afirma Moreira (2012, p. 4):

Quando se utiliza o teatro como metodologia pedagógica a preocupação não precisa ser, necessariamente, seguir o roteiro tal como foi proposto. A idéia é construir um roteiro aberto às adaptações de texto que possam resultar das discussões com os alunos e às sugestões de cenas que os mesmos possam ter. É preciso ter sensibilidade para ver as habilidades e os talentos que possam ser despertados durante os ensaios.

Para tanto, os conteúdos são transformados em roteiro teatral aberto à participação dos educandos, seja como atuantes, seja como plateia, para que ao final possa ser formulado uma discussão a respeito do que foi apresentado, traduzindo-se na percepção destes, acerca do conteúdo e sua importância em sua própria vida, conforme Courtney (2003, 46), “a possibilidade de o jogo dramático auxiliar no desenvolvimento da imaginação e da liberdade criativa, na promoção da maturidade e na construção de indivíduos confiantes e seguros, agindo como uma espécie de preparação para a vida”.

O teatro apresenta diversas características, dentre elas a importância didático-pedagógica, pois como já foi citado, torna as aulas mais dinâmicas, na preparação física e psicológica do educando, por conseguinte, de sua vida pessoal. É também através dos jogos que o educando aprende como lidar com diversas situações, percebendo a sociedade em que se insere, compreender os mecanismos de reprodução social familiar e desigualdade sociais, as diferentes culturas e modos de vida, dentre outros.

Para a compreensão da proposta que empreendemos nessa escola procuramos demonstrar a Geografia de forma artística a partir do teatro como linguagem de ensino.

4. APRESENTANDO O TEATRO COMO ARTE DE EXPRESSÃO

Neste capítulo apresenta-se o teatro e suas possibilidades no ensino de Geografia, como expressividade corporal e de dicção, mostrando ainda que o teatro na sala de aula possa proporcionar o conhecimento cultural e social através de jogos e encenações teatrais, dinamizando o ensino-aprendizagem.

Pode-se entender o teatro como uma arte que se utiliza das diversas formas de expressão, pode ser uma dança, um ritual, um conto, uma poesia ou uma encenação dramática. Assim o teatro é uma forma de comunicação artística, onde existe três elementos fundamentais: o texto, o ator e o público.

Segundo Miranda (et. al. 2009, p 1):

O teatro é, antes de qualquer coisa, uma arte que se associa à história do ser humano à própria história da comunicação humana, uma vez que se configura uma arte híbrida, envolvendo literatura e encenação. Sua presença tem registros desde a Antiguidade Clássica, no decorrer dos períodos de descobertas e catequeses com os missionários jesuítas, até os dias atuais.

Assim, se constitui como uma técnica de descobertas e transmissão de conhecimentos que podem facilitar o processo ensino-aprendizagem, além de contribuir com a emancipação dos sujeitos, conforme afirma Reverbel (1997, p. 34):

As atividades de expressão artística são excelentes recursos para auxiliar o crescimento, não somente afetivo e psicomotor como também cognitivo do aluno. O objetivo básico dessas atividades é desenvolver a auto-expressão do aluno, isto é, oferecer-lhe oportunidade de atuar efetivamente no mundo: opinar, criticar e sugerir.

Os recursos desenvolvidos pelo teatro na escola contribuem para a educação do corpo, da voz, das interpretações textuais, dentre outras habilidades. Aprender a utilizar o corpo é fundamentalmente importante para todos, mas nem todos se dedicam a esse cuidado com o corpo e às formas de se expressarem. Pode ser, por isso, que ao assistir a inúmeras palestras, seminários, e até mesmo aulas estes se tornam cansativas, desconectadas entre si, sem quaisquer consonâncias entre o emissor e o interlocutor. Desta forma, restringindo a comunicação cognoscitiva à mera transmissão de conteúdos por um agente facilitador, e por outro lado, a recepção dessas informações por um ser com aparente passividade. Essa perspectiva caminha na contramão da educação almejada no Século XXI, ancorada nos preceitos da formação por competência cidadã (SILVEIRA, 2010).

Na arte teatral o corpo fala, igualmente ou até mais do que a voz quando não apresenta a devida imposição da expressão esperada do público ouvinte. Desse modo, o teatro é uma arte que tem como objetivos trabalhar as expressões corporais, linguísticas e faciais preparando através da prática e da técnica, o indivíduo acerca de posturas adequadas perante o público, conforme afirma Pedrosa (2009, p. 199).

[...] é válido ressaltar que nós humanos somos pura expressão, afinal são olhares, sorrisos, mãos, lágrimas, voz e gestos. Em suma, a expressão corporal é uma atividade organizada, dotada de objetivos, que visam o desenvolvimento da sensibilidade, imaginação, criatividade e principalmente da comunicação. Logo, fica explícito que a expressão corporal é uma linguagem, é um aprende sobre si mesmo; é usar a nossa própria máquina: o corpo, para transmitirmos o que sentimos.

Todos aqueles que trabalham com a voz e com o corpo, como atores, professores, palestrantes, cantores, líderes religiosos e outros, devem realizar exercícios de expressão, bem como a melhor forma de impostar a voz e o corpo, pois é fundamental para o bom espetáculo, isto é, o público terá melhor compreensão do conteúdo exposto. Mas, para executar a boa expressão não se pode deixar de falar, de exercitar a respiração e relaxar o corpo, segundo Fazzini (2009, p. 16):

As concepções da voz fisiológica, enfocando a respiração, o relaxamento, a ressonância e suas relações com o corpo, deverão abrir-me o caminho para poder entender de maneira mais efetiva como o conhecimento corporal interfere nos três aspectos essenciais os quais sevem de base para uma melhor produção da voz.

Mesmo hoje, com todos os processos de inovações dos métodos de ensino, é muito raro encontrar professores preocupados em reservar um momento da aula para esse exercício da voz e do corpo, sendo sugerido pois, que se faça isso num momento prévio das aulas, preparando assim o corpo e o ambiente.

Aqui, associa-se a sala de aula como uma caixa cênica (lugar onde ocorrem espetáculos teatrais), onde o professor passa a ser o ator e a plateia são os alunos, podendo haver a troca de posições, quando os alunos estão diante das apresentações de trabalhos expositivos tanto em sala de aula quanto nos eventos escolares. Por isso, a necessidade do bom uso com as expressões são de inteira importância, tanto para o professor quanto para o aluno.

A proposta deste trabalho, referente ao uso das expressões, liga-se ao despreparo de muitos professores na exposição de suas aulas e também dos alunos do ensino médio, com a exposição de trabalhos, momentos esses que, segundo a maior parte deles e ainda através de observações obtidas nos período de estágios, são momentos em que, ao invés de produzir aprendizagem, leva-os a um travamento pela inibição (medo de se expor em público), e assim, deixando a exposição um tanto prejudicada.

A boa expressão corporal ajuda a identificar os sinais que o corpo emite, proporcionando uma melhor vida pessoal e profissional. O conhecimento do corpo e o domínio das expressões, desenvolvem habilidades que vão ajudar no relacionamento consigo mesmo e com as outras pessoas. Quantas vezes ouve-se pessoas expressarem algo com a voz, mas o corpo contradiz, os olhos, as mãos ou os lábios dizem outra coisa.

O teatro disponibiliza por meio dos jogos, os exercícios de expressões, buscando um cuidado específico com o desenvolvimento da identidade do corpo a partir da consonância que liga a personalidade do seu interior. Neste sentido, pode-se entender que a expressão do corpo deve ser algo a ser trabalhado buscando um conhecer profundo do corpo.

Esse desenvolvimento da comunicação através da expressão corporal permite compreender melhor as demais formas de comunicação oral. Com isso, no trabalho de expressões através das oficinas de teatro, na turma do 2º ano do ensino médio da escola Estadual Professor Crispim Coelho, foi notório o desejo de participação dos mesmos. Assim, puderam-se promover exercícios de desenvolvimento da postura, da voz e da noção de espaço (lateralidade) obtido positivamente pelos mesmos.

Através do teatro, e do trabalho das expressões, um leque de possibilidades podem surgir como pontos positivos, tais como: quebra de movimentos mecânicos e repetitivos que demonstra nervosismo na sala de aula e insegurança no cotidiano, aumenta a disposição do corpo no dia-a-dia, desenvolve o trabalho criativo, o conhecimento do próprio corpo e suas sensações e também o relacionamento com os outros e com o ambiente de vivência.

Portanto, esse trabalho leva o desenvolvimento dos educandos em suas diversas habilidades, compreendendo de forma mais ampla, aproximando o aluno ao professor a partir do desenvolvimento de situações onde se permitam orientar as expressões de cada um, para uma melhor qualidade do processo ensino/aprendizagem.

4.1 Aplicação de jogos na sala de aula

O termo ‘jogo’ pode ser encontrado segundo distintas acepções e aplicações, como: jogo de sorte, jogo de azar, jogos de competição ou disputa, dentre outras. Partimos do conceito de jogo como uma prática que pode ser utilizada como descontração entre grupos teatrais, grupos de amigos e assim, também na sala de aula como proposta didático-lúdica, a partir da qual, o professor pode construir o conhecimento coletivamente com os educandos, envolvendo-os e integrando-os pela sua participação nas atividades de ensino-aprendizagem.

Rollof (2009) relata que o jogo é uma forma de se divertir, e que essa forma de divertimento, quando utilizado no processo educativo, levar ao educando uma abertura do entendimento e respeito das regras que regem a vida em sociedade.

Conforme afirma Lima (2008, p. 14):

A visão antropocêntrica do Renascimento, a partir do século XIV, influenciou para que o jogo, gradativamente, fosse retirado da reprovação oficial e incorporado ao processo formação de crianças e jovens. Seguindo essa orientação, as escolas jesuítas do século XVI, fundadas por Ignácio de Loyola, preconizavam a importância do jogo e dos exercícios, na formação dos seus alunos.

Na sala de aula, o professor pode trabalhar os jogos na perspectiva educativa, mostrando aos educandos que no mundo contemporâneo, viver significa estar, diariamente diante dos processos político-econômico-sociais, os quais também são um jogo de disputas de poder, conquistas, direitos e reivindicações, onde dos mesmos fazemos e somos partícipes.

Assim, o objetivo dos jogos na sala de aula, além de proporcionar momentos de descontração, levando o aluno a se interessar mais pelos momentos na sala de aula e, conseqüentemente, melhorar o relacionamento professor-educando-aprendizagem, possibilitando o desenvolvimento de atividades coletivas e criativas. É objetivo também dos jogos em sala de aula, ensinar a respeitar regras, e que, numa disputa sempre haverá um vencedor e um perdedor, fazendo parte do jogo, que deve ser encarado com respeito e naturalidade por meio do “espírito esportivo” e educativo.

Os jogos dramáticos realizados em sala de aula, isto é, as atividades utilizadas por meio das oficinas de teatro, que se torna um meio de liberação, descoberta e aceitação dos envolvidos com o outro e consigo mesmo. As dinâmicas utilizadas em sala de aula como jogos teatrais, possibilitam desenvolver a comunicação do aluno na atuação social, a partir do trabalho de capacidade, quando treina a expressão e a criatividade, melhorando assim a

construção do conhecimento tanto didático como do indivíduo. Os trabalhos de expressão facilitam o conhecimento da liberação pessoal como atitudes de tristezas e alegrias, paixões e angustias existentes em cada indivíduo. Enfim, fazem com que o professor, juntamente com o educando passe a se conhecer mais, conhecer e trabalhar os conflitos que regem a sala de aula e a comunidade em que se insere.

Ainda sobre os jogos teatrais, o conceito da diretora teatral norte-americana Viola Spolin, apresenta os jogos teatrais como uma forma de trabalhar a improvisação com o objetivo de preparar os atores profissionais ou que pode ser utilizado como atividades escolares (SPOLIN, 1985). Assim, o trabalho desenvolvido aqui foca as atividades que podem ser trabalhadas em sala de aula, e não, como preparação de profissionais da artes cênicas. Portanto, cabe ressaltar que a metodologia das oficinas teatrais direcionadas para trabalho com jogos teatrais na sala de aula, deve estar incluída no plano de curso como uma ferramenta de aproximação do aluno com a aprendizagem, tendo como objetivo desenvolver o conhecimento de cunho crítico-social.

Sob os conhecimentos das artes cênicas, os jogos teatrais apresentam-se como opção para se trabalhar as estruturas operacionais da pessoa, as descobertas, quebrando a barreira da comunicação e da expressão. Segundo Soares (2013, p. 63):

Os jogos estimulam a criatividade, a capacidade de expressar e de desenvolver problema. Além da expressão oral, a corporal também é estimulada e os participantes tem a oportunidade de aprender na prática experimentando situações e quebrando estereótipos.

Isso confirma o que foi citado anteriormente, que o teatro aplicado na sala de aula como método de ensino, favorece a preparação tanto do aluno como também do professor às novas descobertas mediadas por momentos lúdicos e alegres. Alguns atores e diretores das artes cênicas defendem que os jogos teatrais liberam e ampliam a forma cognitiva do indivíduo que passa a adotar um comportamento ágil, perceptivo, criativo, dentre outros. Estas características encontradas no teatro são de inteira importância para o desenvolvimento positivo no processo da aprendizagem.

A pesquisa desenvolvida por meio de oficinas teatrais e a utilização de jogos para apresentação na sala de aula da turma do 2º Ano, do Ensino Médio, na Escola Estadual “Professor Crispim Coelho”, buscou desenvolver um trabalho voltado para aproximação dos alunos com a disciplina de Geografia, e também levantar análises sobre o comportamento dos alunos mediante os métodos de ensino.

A maior parte dos alunos se mostrou, logo de início, entusiasmado com o trabalho, prepararam-se e logo foram executando as atividades; outros, no entanto, demonstraram vontade, mas algo o impediavam, assim logo, foi percebido, a timidez sobre os mesmos, isso bloqueava a participação deles nas atividades.

O objetivo dos jogos é proporcionar o desenvolvimento do educando naquilo em que ele apresenta mais dificuldades, e as oficinas foram estruturadas para este fim. Durante a segunda aula com atividades teatrais, os alunos mais tímidos não resistiram às dinâmicas dos jogos e passaram a compor a turma que realizava os ensaios.

Nas oficinas lúdicas percebemos que os educandos trocavam experiências, trabalhavam o corpo aquecendo-o, realizando alongamentos, além de estabelecer contatos com outros componentes da turma. Esses momentos promoveram o desenvolvimento da criatividade por meio da criação e interpretação de textos, e a dramatização de fatos vivenciados em suas comunidades pelas experiências familiares.

De acordo com os educandos, a utilização de jogos de teatro na sala de aula contribuiu com maior entrosamento e com o desenvolvimento da postura perante o público, lembrando que tanto no teatro como no cotidiano, o corpo é um elemento que fala, portanto, a postura, os gestos (expressão corporal) sendo bem trabalhados podem ser utilizados positivamente nas apresentações e exposições de trabalho orais promovendo o desenvolvimento da autoestima, do inter-relacionamento de educandos e destes, com o professor.

A pesquisa realizada demonstrou que os educandos percebem a escola como lócus de aprendizagem, mas também lugar de autoritarismo, de conflitos, de momentos de tensão, uma vez que as regras nem sempre são um acordo estabelecido entre os que fazem a comunidade escolar. Considerando esta premissa e associando-a à rotina escolar e ao tradicionalismo das ações docentes, por vezes pautadas na utilização do livro didático restrito às leituras e exercícios escritos. A arte teatral constituiu-se e comprovou ser uma linguagem inovadora para educadores que desejam aventurar-se na elaboração de atividades integrativas e dinâmicas, através das quais o desafio de utilizar jogos em sala de aula traz para além da aprendizagem, a ludicidade nos momentos de descontração, alegria e aprendizagem.

A prática da arte teatral realizada promoveu a ludicidade, facilitou e entusiasmou os educandos no processo de aprendizagem na turma onde se realizou a pesquisa no Ensino Médio. Segundo Roloff (2009) a ludicidade na arte teatral não se restringe às séries iniciais, do Ensino Fundamental, mas em qualquer momento e idade é interessante realizar momentos de brincadeiras para que o corpo e a mente relaxem, a tensão promovida pelo desenvolvimento das atividades, recompondo as energias, uma vez que o lúdico pode

favorecer “momentos de felicidade, seja qual for a etapa de nossas vidas, acrescentando leveza à rotina escolar e fazendo com que o aluno registre melhor os ensinamentos que lhe chegam, de forma mais significativa (*ibidem*, p.02).

Imagem 1. Oficina com jogos de movimentos, agilidade e postura.



Fonte: Organizado pelo autor. Novembro/2014

Para a concretização deste trabalho, a utilização da arte teatral no ensino de Geografia demonstrou que o uso de jogos em sala de aula condicionou diversão, sem que houvesse dicotomia entre o jogo e o estudo. Sem deixar de estudar, o educando aproximou-se do conteúdo, do professor e dos próprios colegas participantes do esquete teatral. A compreensão dos conteúdos abordados (espaço, sociedade, família, gênero e trabalho) foi condicionada à aprendizagem por meio das dinâmicas de socialização, da contextualização dos conteúdos com as realidades dos educandos, cumprindo finalmente, o objetivo de educar pela aprendizagem significativa.

Para o desenvolvimento dessa ação foi necessário a preparação e o planejamento da atividade que culminou na organização do texto da esquete teatral partindo dos conteúdos abordados, e também da organização de um laboratório para criação dos personagens.

4.2. Laboratório para criação dos personagens

Os personagens de uma peça teatral são todas as pessoas que são atores ou atrizes e que transmitem uma história em um enredo, sob a forma de dramaturgia a um público, seja nos palcos das casas de espetáculos, na rua ou em qualquer lugar que possua estrutura para esse tipo de apresentação artística.

O ator ou a atriz de uma história teatral tem como obrigação conhecer a fundo essa história em que está atuando, pois mesmo o público sabendo que ali se conta algo fictício, o personagem é a verdadeira pessoa da história mostrando um fato real. Diante desta responsabilidade, há que proporcionar ao público o melhor desempenho. Para tanto, se faz um levantamento característico sobre tudo que o ator/a atriz precisa para dar vida a seu personagem, aproximando-o o máximo possível da vida real.

Para que o espetáculo tenha atingindo as expectativas do público de forma satisfatória, o papel do personagem não é simples, a ele é exigido uma série de estudos através de pesquisa de campo, para que seja possível entender e sentir tudo o que seu personagem sentiu ou sentiria na vida real. Em cena deve transmitir ao público toda essa vida sem mentiras. Segundo Stanislavski (2013, p. 311) os atores/as atrizes:

Extraem vida da ficção que é a peça e fazem-na parecer mais real, mais bem fundamentados os seus objetivos. Tudo isso o ajuda a sentir o papel, sua veracidade inata, a crer na real possibilidade daquilo que está passando em cena. Em outras palavras, esse triunvirato de forças interiores assume o tom, a cor, os matizes e os estados de ânimos dos elementos que elas comandam. Absorvem seu conteúdo espiritual. Também emitem energia, poder, vontade, emoções e pensamentos. Enxertam nos elementos essas partículas vivas do papel. Desse enxerto vão brotando, gradualmente, o que chamamos de elementos do artista no papel.

Para alcançarem as características da personagem, o ator se dedica a um trabalho de construção, a partir de um método conhecido como laboratório, onde faz com que ele realize uma pesquisa sobre tudo que possa dar vida ao personagem. Um exemplo desse trabalho seria imaginar que um ator tenha recebido do seu diretor um papel para interpretar a vida de um mendigo, assim não bastaria só o ator observar os trajes de um mendigo através de fotos ou vídeos, isto é, não serviriam para a composição do personagem as características externas, ele precisa mergulhar nos sentimentos, viver alguns dias na rua, passar noites nas calçadas e conviver momentos com mendigos, para que só assim, ele, através da sensibilidade possa interpretar essa vida real em forma de ficção.

Mediante esse exercício de laboratório para a criação do personagem, o uso do teatro em sala de aula e, especificamente, nos conteúdos de Geografia possibilita o aluno a fazer levantamentos sobre as características do espaço geográfico em que vive, e assim, o professor poderá transformar a sala de aula em um lugar de conhecimentos de forma artística, lúdica e atraente.

Para atividades realizadas neste trabalho, referente ao laboratório de criação do personagem, foi atribuído aos alunos da turma do 2º ano a proposta de se pesquisar o perfil da família contemporânea, buscando o levantamento histórico das famílias associando as mudanças ocorridas até os dias de hoje.

Imagem 2: Discussão com o grupo de educandos para realização da pesquisa e produção da esquete teatral e montagem de personagem.



Fonte: Organizado pelo autor. Novembro/2014.

Desta forma, os alunos se dedicaram a pesquisar o conteúdo em grupo, compreendendo que a Geografia pode ser trabalhada também por outros caminhos além do livro didático. Pois os mesmos traziam sempre conhecimentos diferentes da sociedade em que vivem, no tocante ao perfil da família.

Portanto, esse trabalho realizado pelos alunos teve culminância com uma apresentação teatral na sala de aula, com tema: “O novo perfil da família contemporânea”. Tudo isso serviu para analisar sobre o comportamento dos alunos diante de um conteúdo geográfico aplicado através de um método inovador, sua participação e suas posições referentes a os métodos aplicados na disciplina por outros professores.

4.3 Apontamento de um conteúdo social dentro do espaço vivenciado pelo aluno a ser trabalhado

Assim como foi citado anteriormente, o conteúdo programado para essa pesquisa em sala de aula traz uma abordagem sobre o novo perfil da família contemporânea, pois tendo em vista que a sociedade passa por uma constante transformação, que tem como alvo as características da família. Pensou-se na elaboração de uma atividade onde os alunos pudessem compreender um pouco da dinâmica da sociedade em que vivem compreendendo também a geografia atuando no seu dia a dia.

Diante disto, os alunos tiveram como atividade elaborar uma pesquisa em forma de laboratório para que assim montassem uma peça teatral contando sobre o novo perfil da família, cada um criaria seu personagem de acordo com a pesquisa em que iam elaborando.

Em princípio, a maioria dos alunos esboçou uma expectativa muito grande e positiva, o que veio a facilitar o trabalho em sala de aula, pois a proposta da pesquisa além de observar a reação dos alunos diante de novos métodos de ensino, não pode fugir de proporcionar uma aprendizagem participativa. Com isso cada encontro era sempre surpreendente com o material e os conhecimentos trazidos pelos alunos, foi assim que pôde ser percebido a disponibilidade dos mesmos em participar da atividade de apresentação teatral, ao mesmo tempo em que se aprendia Geografia.

Segundo as informações colhidas pelos alunos sobre a temática, o perfil das famílias tem mudanças significativas, quando comparadas ao contexto histórico, eles constataram as mudanças ocorridas entre as famílias das décadas 1970 a 2010. Assim considerando que essas mudanças se relacionam com as alterações ocorridas na ação sociedade-trabalho, que vem desde as décadas de 1970.

Os estudos elaborados pelos alunos proporcionaram a eles uma aproximação com a aprendizagem na disciplina de geografia no tocante ao conhecimento da dinâmica social. Mostrando que nos dias atuais o perfil da família se apresenta culturalmente bastante diversificada, sendo, pois, famílias formadas por pai e mãe, famílias formadas apenas por um pai ou só uma mãe, ou ainda famílias formadas por pessoas do mesmo sexo. Outras características encontradas nos estudos foram o baixo número de filhos que as famílias contemporâneas pretendem ter, comparando às famílias das décadas anteriores a 1990.

Após a pesquisa dos alunos seguida de debates em sala de aula sobre essas características acima citadas, os alunos passaram a compor a peça teatral como atividade de

Geografia, dando vida ao enredo e aos personagens, agora de forma rica, pois os mesmo passaram pelo laboratório, que é o passo a passo de conhecer a realidade.

Esquete teatral
(A Família Moderna)

A Família Moderna

Personagens:

Rita – mãe

Fernando – pai

Dona Genir – Sogra de Fernando

Junior – Filho de Rita e Fernando

Clara – Namorada de Junior

O esquete se divide em quatro cenas curtas, acontecendo em um único local (casa de Fernando e Rita).

1ª cena

Entra a mãe varrendo a casa e cantando a música Ciranda da Rosa Vermelha de autoria de Elba Ramalho. De repente, ela se irrita consigo mesmo, pega um jornal que está jogado e começa a lê-lo, quando encontra um anúncio de emprego para mulheres.

RITA – Hum, vamos ver o que tem no jornal pra hoje. *(olhando o jornal)* Ham! Precisa-se de mulheres para trabalho. Acho que chegou a minha vez de dar um basta nesta droga de ser doméstica, de viver nessa submissão de esperar o marido pra tudo, de não poder colaborar em nada e de não ter direito a falar nunca. Eu quero mesmo é encontrar o povo, conversar, ser ouvida, ganhar dinheiro, ser gente como todo mundo!... *(Pensativa)* Éh... mas, o que será que o Fernando e a mamãe vão pensar disso? Ah, não sei... mas, que eu vou entrar nessa, ah, eu vou!

2ª cena

Entra Fernando com a cara de muito cansado e se senta no sofá.

FERNANDO – Nossa, meu amor! Hoje estou esgotado! Trabalhei o dia todo, sem parar.

RITA – Imagina eu... (pensativa). Pois, sente aí, Amorzinho, porque eu tenho uma novidade surpreendente pra lhe contar.

FERNANDO – (*Alegre*) Não me diga que você está grávida de novo, meu amor? Nosso sexto filhinho... (*começa a comemorar e a beijá-la e Rita, de repente, vai se entristecendo*). Pensando bem... será que isso é bom mesmo? As coisas estão ruim, o custo de vida está tão caro para aumentar assim a família... Não sei...!

RITA – Para de leseira, meu Bem! Não é nada disso não! De filho, basta o Júnior trabalhoso do jeito que ele é e mais os cinco que já estão na escola! Filho agora, nem pensar! O que eu tenho pra lhe dizer é que a partir de amanhã eu vou trabalhar fora de casa.

FERNANDO – O quê? Trabalhar! Mas, nem pensar!

RITA – Eu já não aquento mais essa vida de ficar só em casa, e assim mesmo, veja pelo lado bom da coisa, Fernando! Vamos poder aumentar nosso orçamento e eu vou ficar mais feliz vendo gente, fazendo outras coisas, além de cuidar da casa e dos filhos!

FERNANDO – Não. Nada disso! Mulher minha não trabalha fora não! Junto dos homens!? Nunca!!! Eu quero você é em casa cuidando da casa e dos filhos, cozinhando, porque lugar de mulher é na cozinha!

RITA – Sete filhos?! Seis já basta! E pode parar com esse machismo!

3ª Cena

Entra dona Genir, senhora com aproximadamente 80 anos, entra com trajas de dormir e com um terço nas mãos, como quem está rezando.

DONA GENIR – Mais que barulheira é essa nessa casa?

FERNANDO – É essa sua filha dona Genir, que deu pra perder o juízo agora de uma vez por todas.

RITA – Não é nada disso mamãe! É só porque eu quero trabalhar e o Fernando não deixa.

DONA GENIR – (*Pegando a Vassoura*) O que é isso Fernando? Deixe a Mulher trabalhar! Vá varrer a casa minha filha! Pior seria se você estivesse casado com uma batedora de perna, uma pé de calçada. (*entrega a vassoura a Rita*)

FERNANDO – (*Dá gargalhadas ironicamente*)

RITA – Não, mamãe! Não venha à senhora, também! Não é esse tipo de trabalho que eu estou falando.

DONA GENIR – Não? E qual é então?

RITA – Eu quero ter meu próprio dinheiro, quero viver com outras pessoas, participar das reuniões, decidir e não ficar aqui só fazendo a mesma coisa todo dia... sem mudar nada e ainda fico a depender do meu marido, Mamãe. Será que a senhora não entende?!

DONA GENIR – Xiii! Começou... (*resmungando*) Essa geração maluca... No meu tempo, a mulher ficava em casa cuidando da casa, das crianças, fazendo crochê, artesanato...

RITA – É mamãe. A senhora falou bem no seu tempo, e olha que já faz um bom tempo mesmo. Eu sei que eu vou trabalhar e ninguém empata.

FERNANDO – Só se for por cima do meu cadáver.

RITA – Não venha, Fernando!

DOINA GENIR – Minha filha, e os meus netinhos? Pelo visto, não vem mais nenhum, né?

RITA – Não, mamãe! Só um basta, e é só!

DONA GENIR – No meu tempo, as famílias tinham 9, 10, 15. Hoje em dia, ninguém quer mais multiplicar. Olhe que está na Bíblia, “crescei-vos e multiplicai-vos”.

RITA – De novo, mamãe? Eu já falei, no seu tempo! Isso já passou! E lá vem a senhora com negócio de que está na Bíblia.

FERNANDO – Não vai e pronto. Já falei. Agora, me diga onde está o Júnior. E ta na hora de ir buscar os meninos na escola. Vá!

RITA – (*resmunga, batendo o pé e falando baixo*)

4ª Cena

Entra Junior com a namorada

JÚNIOR- E aí, família? Tudo em cima? Qual é a pauta da conversa?

FERNANDO – Que bom que você chegou! Imagina só que sua mãe agora enlouqueceu...

JÚNIOR – Mas, o que foi agora, mamãe? Não diga que quer dar as contas do coroa?

FERNANDO – (*se espanta e cai da cadeira*)

RITA – Não é nada disso, Júnior. Você e seus pensamentos loucos... É que eu quero é trabalhar, (*pegando e escondendo a vassoura.*) E nem pense que é com a vassoura não, porque eu quero trabalhar fora. Chega de ser só dona de casa! Vocês têm direito de fazer outras coisas, não fazem nada em casa e ta tudo errado! A partir de hoje vocês vão fazer as coisas também em casa e eu vou trabalhar fora também.

CLARA – (*Namorada de Fernando*) Ah, Sogrão. Mas, é só isso? Não vejo mal algum.

JÚNIOR – É papai. Não tem mal algum. Hoje todo mundo trabalha. Eu sei que o tempo

fica corrido para família, mas é assim mesmo. O senhor já ouviu falar nos movimentos feministas? Pois é. A mulher conquistou muita coisa na sociedade e também passou a assumir um lugar de destaque na sociedade, ocupando as classes trabalhistas.

RITA – Viu só, Fernando. Pois é Juninho, meu filho querido. É esse seu pai aí com o machismo dele e sua avó com o tempo dela, da família patriarcal dela. Agora me digam: e quando vem o casório desses meus anjinhos? Tem que casar logo que ta ficando coroa, já.

CLARA – Não, dona Rita. Nós já estamos pensando bem e deve levar um tempo porque a gente quer estudar, se formar, fazer outros estudos e conseguir emprego para nós dois. E quando for casar nós vamos só juntar os trapos mesmo. Não vai ter nenhuma formalidade de casamento. não.

DONA GENIR – *(que estava cochilando na cadeira com um rosário na mão)* Como é a história? Família de Dona Genir não se ajunta não! Isso é contra meus princípios e contra a Lei de Deus. Assim, vocês vão matar a velha com tanta decepção. *(vai saindo resmungando, seguido dos netos, e também Fernando brigando com Clara, toca-se a música família de Nando Reis).*

FERNANDO – Fico preocupado com essas idéias dela. Mas, se tem que ser desse jeito! Não vai dar certo. Tem muito homem lá e depois quem vai cozinhar, lavar, passar, cuidar dos meninos?

RITA – Você não entendeu não? Todo mundo vai fazer parte e organizar a casa toda. A escravidão acabou nesta casa e eu já estou com minha carta de alforria. Quero ter os mesmos direitos e ocupar os mesmos espaços que vocês porque eu tenho direitos, e quero ser igual.

FERNANDO – Coitada... (pensativo) ela vai desistir logo, logo...

Fim.

Texto: Coletivo

Desta forma pode-se dizer que o conhecimento aqui gerado em sala de aula trouxe uma participação positiva aos alunos e ao professor, pois de forma dinâmica eles se dedicaram a atividade sem hesitação, sem cansaço e sem rotina, melhorando sua ligação com os estudos, o relacionamento entre eles e com o professor, e provando que a geografia está presente no cotidiano, e que quando passamos a conhecê-la fica mais fácil se apegar a disciplina, um dos propósitos de se elaborar novos métodos de ensino em geografia.

4.4 Ensaios e apresentação em sala de aula no ensino de Geografia

Assim como na arte cênica, para se montar uma apresentação teatral, é preciso que os atores passem antes por uma preparação, onde só assim os mesmo estarão aptos a responderem com as expectativas do público. Diante disto o trabalho feito em sala de aula teve algumas etapas preparatórias como oficinas com jogos teatrais, onde se trabalhou a criatividade, agilidade, interação, postura de corpo e voz, tonalidade da voz (dicção), trabalhou-se também a produção de um roteiro, o laboratório de informações característicos dos personagens e por fim os ensaios e apresentação.

Imagem 3: Leitura e interpretação do roteiro para identificação dos personagens.



Fonte: Organizado pelo autor. Novembro/2014.

Os ensaios eram sempre um momento de muita ânsia pelos alunos, eles chegavam cedo como era o combinado para que assim pudesse se aproveitar o máximo da aula, os que estavam atuando logo seguiam para o local da atuação que era à frente dos alunos, já os que estavam assistindo ficavam observando atentamente. Sempre em seguida dos ensaios eram restados alguns minutos para um breve debate a respeito do comportamento de cada um, sua postura, sua voz sua atuação com o colega. Isso sempre ressaltava como um treinamento para

exposições de trabalhos, isto é, buscando melhorar a postura, a timidez e a preparação no conteúdo em que se estava expondo.

Desde os primeiros ensaios os alunos demonstraram uma segurança e entrosamento com os colegas, onde segundo eles o que lhes proporcionou essa segurança foram os jogos preparatórios e que isso iria servir para a vida toda.

Imagem 4: Ensaios do esquete teatral e escolha de personagens.



Fonte: Organizado pelo autor. Novembro/2014.

Os ensaios tiveram duração de seis aulas, sempre tomando o devido cuidado para que os alunos não saíssem do foco de que era uma atividade e não somente uma brincadeira, pois esse não seria o objetivo da pesquisa, justamente por esse motivo que era cobrado o debate ao final do ensaio e elaboração de um questionário ao final da pesquisa.

Passados os ensaios, de forma positiva, os alunos agora estavam diante da apresentação em sala de aula. Essa apresentação teria como objetivo expor o conteúdo aprendido durante os trabalhos, tanto para os que atuassem como também para os espectadores, seguido também de um debate final. Neste debate, se observava através das falas dos alunos o conteúdo trabalhado, sobre as formas de se estudar Geografia por outros métodos como teatro, música, cinema entre outros, isto é como seria a aceitação dos alunos. A apresentação suscitou o debate avaliativo com a participação de todos os educandos resultando nas seguintes reflexões:

- Como eram as famílias dos períodos mais antigos? (o tempo dos pais ou mesmo os avós)
- Como é o perfil das famílias de hoje e o que mudou?
- Por que aconteceram essas mudanças?
- Como as dinâmicas do meio social podem influenciar nas mudanças do perfil das famílias?
- A política, o consumismo, a discriminação fazem parte do nosso dia-a-dia? De que forma?
- Como podemos observar a Geografia fazendo parte do nosso cotidiano?
- Quais elementos podemos destacar na peça teatral, os quais têm relação com a Geografia?
- O que muda no perfil das famílias a partir da inserção da mulher no mundo do trabalho?
- Quais as influências dos novos perfis familiares para a dinâmica da população e para o mundo do trabalho?

A apresentação foi demonstrada também de forma positiva na dramatização de um esquete teatral que trazia como título a família moderna, onde existe um pai que chegando do trabalho em casa se surpreende com a esposa decidida a trabalhar fora de casa.

Imagem 5: Apresentação do esquete teatral em sala de aula.



Fonte: Organizado pelo autor. Novembro/2014.

Ela rebatendo sempre as expectativas tradicionais de sua mãe em ter mais filhos além de um que já tinha, pois segundo a personagem, ela agora se dedicaria ao trabalho e não teria mais como ter outros filhos. Já o filho do casal, quebra as expectativas religiosas de sua avó em se casar na igreja, pois segundo ele o tempo já passou e hoje ninguém se casa mais, apenas se junta em uma união liberal.

Assim, pode-se dizer que a apresentação em sala de aula, proporcionou aos educandos compreender que os fenômenos político-econômico-sociais, estes que são fatores determinantes na alteração do perfil da família e que todos esses conteúdos são trabalhados pela Geografia, muitas vezes não tão participativo pelos alunos como foi desta vez, devido ao novo método de trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino de Geografia, segundo as bases marxistas, auxilia os educandos a compreenderem o processo histórico e as implicações das relações sociais de produção na sociedade na qual se insere, ao passo que promove a crítica reflexiva no ensino de Geografia acerca da necessidade de criação da práxis por meio do debate teoria-prática realizado pela arte teatral na abordagem dos conteúdos.

Nesse sentido, procurou-se introduzir a abordagem dialética para, através da práxis cotidiana, discutirmos autonomicamente as relações sociais de produção e sua dinâmica da sociedade na construção do espaço geográfico, partindo da consciência acerca da luta de classes, mas também da necessidade de transformação das condições reais de existência dos sujeitos, a negação à exploração dos seres humanos, dos efeitos perversos da globalização e do sistema econômico que a alimenta.

Pensar o ensino de Geografia a partir do desenvolvimento e da crítica às atividades históricas e seus desdobramentos na sociedade contemporânea pautada sobretudo, na igualdade de direitos e no reconhecimento às diversidades e aos modos de vida dos sujeitos humanos.

Este trabalho trouxe análises sobre o uso do teatro como diferentes linguagens na disciplina de Geografia, realizado na turma do 2º ano B da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor Crispim Coelho, no município de Cajazeiras, Paraíba, com abordagem da produção do espaço pela família na sociedade contemporânea, à luz de referências bibliográficas e da pesquisa participante.

Com base em tudo que foi pesquisado e analisado, pode-se dizer que o uso de diferentes linguagens, na sala de aula, é um caminho adequado para a aproximação do aluno com a aprendizagem, considerando que esse método tira os alunos da rotina do uso do livro didático e das aulas expositivas. Fazendo com que eles aprendam de forma dinâmica, onde não só propicia o desejo de aprender como também desenvolve o aluno na questão do corpo e suas expressões.

Vale ressaltar que para o uso desse método, o professor deve antes de tudo ter um breve conhecimento a respeito da linguagem e técnicas adequadas para que a aprendizagem ocorra de forma positiva, onde possa incluir tanto aqueles que se identificarem, como também aqueles que não simpatizarem por tal método. Caso contrário, a aula pode se desviar do seu objetivo e servir apenas como uma passa tempo, sem responder às expectativas da didática.

Através da pesquisa foi possível descobrir inúmeras características relacionadas ao modelo de ensino das escolas públicas e especificamente na disciplina de Geografia. Através de fala dos educandos, eles não viam a importância da Geografia como disciplina pedagógica, isto é, que para eles a geografia não tinha nenhuma importância para a sua aprendizagem.

Portanto, após os trabalhos com teatro em sala de aula e estudos realizados sobre o perfil da família contemporânea, uma nova característica foi sendo apresentada pelos alunos diante do ensino e da disciplina de Geografia. Assim, os alunos já passaram a interagir mais ativamente, compreendendo a atuação da Geografia no espaço vivenciado, e que ela pode ser estudado, além dos livros didáticos e, mais satisfatoriamente.

REFERÊNCIAS

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo**. 8ª. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991

ARAÚJO, Ângela Maria Carneiro. AMORIM, Elaine Regina Aguiar. FERREIRA, Verônica Clemente. Os sentidos do trabalho da mulher em tempos de reestruturação produtiva. In: **VII Congresso Luso- Afro Brasileiro de Ciências Sociais**. Coimbra, 2004. Disponível em: http://www.ces.uc.pt/lab2004/inscricao/pdfs/painel29/AngelaAraujo_ElaineAmorim_VeronicaFerreira.pdf. Acesso em 03 de dezembro de 2014.

BASTOS, Ísis. B. A. O dever fundamental de proteção da família: um comprometimento estatal e familiar. In: **VI Semana de Extensão, Pesquisa e Pós-Graduação**, 2010, Canoas/RS. Anais.../ VI Semanda de Extensão, Pesquisa e Pós-Graduação. Porto Alegre: Uniritter, 2010. Disponível em: <http://www.uniritter.edu.br/eventos/sepesq/vi_sepesq/arquivosPDF/27902/2231/com_identificacao/trabalho.pdf>. Acesso em 12 de dezembro de 2014.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. Tradução: Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BRASIL. **Atlas do desenvolvimento Humano no Brasil 2013**. Disponível em: http://www.ideme.pb.gov.br/index.php/objetivos-do-milenio/doc_download/2918-atlasidhm2013perfilcajazeiraspb.html. Acessado em: 12 de dezembro de 2014.

BRASIL. Indicadores IBGE. **Pesquisa Mensal de Emprego Janeiro 2013**. Disponível em: ftp://ftp.ibge.gov.br/Trabalho_e_Rendimento/Pesquisa_Mensal_de_Emprego/fasciculo_indicadores_ibge/2013/pme_201301pubCompleta.pdf. Acesso em 19 de janeiro de 2015.

_____. **O nível de ganhos dos brasileiros é reconhecidamente baixo e as mulheres brasileiras - como as mulheres de todo o mundo - ganham ainda menos do que os homens**. Fundação Carlos Chagas, 2007. Disponível em: <http://www.fcc.org.br/bdmulheres/serie8.php?area=series>. Acesso em 23 de janeiro de 2015.

BRECHT, Bertold. **Estudos sobre teatro**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

BRITO, J. e OLIVEIRA, O. Divisão Sexual do Trabalho e Desigualdade nos Espaços de Trabalho. In: FILHO. F.S e JARDIM S. (Org.) **A Danação do Trabalho**. Te Corá. Rio de Janeiro. 1997.

BRUSCHINI, C. **Gênero e Trabalho Feminino no Brasil: novas conquistas ou persistência da discriminação?** Brasil, 1985 a 1995 – In: _ Seminário Trabalho e Gênero: Mudanças, permanências e desafios. GT População e Gênero Nepo/Unicamp, São Paulo, 1998.

CASTELLAR, Sônia; VILHENA, Jerusa. **Ensino de Geografia.** São Paulo: Cengage Learning, 2010.

_____. **Educação geográfica: psicogenética e o conhecimento escolar.** Cad. Cedes, Campinas, vol. 25, n.66, 2005.

COURTNEY, Richard. **Jogo, Teatro e Pensamento: As Bases Intelectuais do Teatro na Educação.** São Paulo: Perspectiva, 2003.

DEMO, Pedro. Pesquisa participante: saber pensar e intervir juntos. In: _ **Série Pesquisa em Educação.** Brasília: Liber Livro Editora, 2004.

DURKHEIM, Émile. **Educação e sociologia.** Trad. Lourenço Filho. 4ª ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1955.

ÉVORA, I. M. A. 2010. **Mercado e Trabalho: questões de gênero** Centro de Estudos sobre África e do Desenvolvimento Instituto Superior de Economia e Gestão (ISEG/"Económicas") da Universidade Técnica de Lisboa. Disponível em:<http://pascal.iseg.utl.pt/~cesa/files/Doc_trabalho/WP87.pdf, Acesso em: 03/12/2014>. Acesso em dezembro de 2014.

FAZZINI, E. S. . **Consciência Corporal e Preparação Vocal: Apontamentos para o trabalho de voz com alunos de artes cênicas.** 2009. (Apresentação de Trabalho/Comunicação). Disponível em:<<http://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/9649/1/ElviraComSeg.pdf>. Acesso em: 20/12/15>.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia.** 9ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

_____. **Ação Cultural para a Liberdade e Outros Escritos.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

GOMES, Orlando, GOTTSCHALK, Elson. **Curso de direito do trabalho.** 4ª ed. Rio de Janeiro: Forense, 1995.

HARVEY, D. **Condição Pós-Moderna.** Edições Loyola, São Paulo, 1992.

HIRATA, H. Globalização e divisão sexual do trabalho. In: **Cadernos Pagu** -UNICAMP. V. 17-18, p. 139-156, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n17-18/n17a06>. Acesso em 13 de fevereiro de 2015.

KERGOAT, D. Relações sociais de sexo e divisão sexual do trabalho. In: LOPES; MEYER; WALDOW (Org.) **Gênero e Saúde**. Porto Alegre. Edit. Artes Médicas, 1996.
KOSIK, K. **A dialética do concreto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

LARA, Tiago Adão. **A escola que não fui... O professor que não fui...** 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2003.

LIMA, José Milton. **O jogo como recurso pedagógico no contexto**. São Paulo: Cultura Acadêmica : Universidade Estadual Paulista, Pró-Reitoria de Graduação, 2008. Disponível em: http://www.culturaacademica.com.br/_img/arquivos/O%2520Jogo%2520como%2520recurso%2520pedag%25F3gico%2520FINAL.pdf. Acesso em: 06/12/2014.

LOBO, E. S. **A Classe Operária tem dois sexos**, São Paulo: Brasiliense, São Paulo, 1991.

LOMBARDI, M. R. **Reestruturação produtiva e trabalho: percepções dos trabalhadores**. Educação e Sociedade, Campinas, nº.61, 1997. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/veiculos_de_comunicacao/EDS/VOL18N61/EDS_ARTIGO18N61_3.PDF>. Acesso em: 07/12/2014.

LÖWY, Michael. **Ideologias e Ciência Social: elementos para uma análise marxista**. São Paulo: Cortez, 1995.

LUZ, Nanci Stancki da. Divisão sexual do trabalho na indústria brasileira. In: **Ciclo de debates**, 2003. Disponível em: http://www.pucsp.br/eitt/downloads/eitt2003_nancistancki.pdf. Acesso em: 15/11/2014.

MANFRIN, Aline Oliveira; et. al. Geografia no teatro: velhos temas, novas abordagens. In: **Seminário de extensão universitário da região Centro-Oeste**. Goiânia – GO, 2012.

MARKO, L. . HOLOCAUSTO ATRAVÉS DO TEATRO* **Teatro-Oficina Um novo olhar que toca e transforma**. 2010. (Apresentação de Trabalho/Congresso). Disponível em: http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CCgQFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.sistemas.ufrn.br%2Fshared%2FverArquivo%3FidArquivo%3D1212869%26key%3D9207abb62542be36e19ec392afaa7068&ei=Ax_3VNvVDebHsQTe84

CYCQ&usg=AFQjCNGzTqAgi3cdV3f9fPa9XMOoM55JrQ&bvm=bv.87519884,d.cWc.
Acesso em 25/12/2014.

MARX, K. H.; ENGELS, F. **Manifesto do Partido Comunista**. 10ª ed. São Paulo: Iboal, 2006.

_____. **A Ideologia Alemã**. São Paulo: Centauro, 2002.

MIRANDA, Juliana Lourenço; et. al. **TEATRO E A ESCOLA: funções, importâncias e práticas**. In: **Revista CEPPG**. Centro de Ensino Superior de Catalão, Ano XI, Nº 20, 1º Semestre/2009; Artigo publicado na Revista CEPPG – Nº 20 – 1/2009 – ISSN 1517-8471 – Páginas 172 à 181. Disponível em: http://www.portalcatalao.com/painel_clientes/cesuc/painel/arquivos/upload/temp/a1129237b55edac1c4426c248a834be2.pdf. Acesso em: 03/12/2014.

MOREIRA, Ana Luzia Soares; BANDEIRA, Yris Araújo. **A utilização do teatro como instrumento de conhecimento geográfico**. In: XVII Encontro Nacional de Geografia. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, Ceará, 2012.

MOREIRA, Ruy. Repensando a Geografia. In: SANTOS, Milton (Org.). **Novos rumos da Geografia brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1982.

OLIVEIRA, A. S. **Família: um desafio para os Assistentes Sociais**. Âmbito Jurídico, 2012 – Universidade do vale do Rio Doce – UNIVALE, Brasil. 2012.

OLIVEIRA, C.R. **História do Trabalho**, São Paulo, Ática, 2006.

OLIVEIRA, Maria Eunice de; STOLTZ, Tania; **Teatro na escola: considerações a partir de Vygotsky**. Educ. rev. [online]. 2010, n.36, pp. 77-93. ISSN 0104-4060. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010440602010000100007&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em 02/10/2014.

PEDROSA, M. R.; TAVARES, H. M. Expressão corporal e educação: Elos de conhecimento. In: **Revista da Católica**. v. 1, n. 2. Uberlândia, 2009.

PEREIRA, Rodrigo da Cunha. **Concubinato e união estável**. 7ª ed. Belo Horizonte: Del Rey, 2004, p.10 e 11.

REVERBEL, Olga. **Um caminho do teatro na escola**. São Paulo: Scipione, 1997.

REVISTA InfoEscola. **Evasão Escolar no Brasil**. 2015. Disponível em <http://www.infoescola.com/educacao/evasao-escolar/>. Acesso em 20 de fevereiro de 2015.

ROLOFF, Eleana. Maragarete. A importância do lúdico em sala de aula. In: **X Semana de Letras da PUCRS: A importância do lúdico em sala de aula**. Anais. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.

SACRAMENTO, Ana Claudia Ramos. Diferentes Linguagens na Educação Geográfica da Cidade do Rio de Janeiro. In: **Continentes - Revista de Geografia**, v. 1, p. 97-118, 2012. Disponível em: <http://r1.ufrj.br/revistaconti/pdfs/1/ART5.pdf>. Acesso em 16 de novembro de 2014.

SAFFIOTI, H.I.B. **A Mulher na Sociedade de Classes: Mito e Realidade**. Petrópolis: Ed. Vozes, Rio de Janeiro, 1979.

SANTOS, Milton. **Pensando o espaço do Homem**. 5ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

_____. Por uma Geografia Nova: Da Crítica da Geografia a uma Geografia Crítica/ Milton Santos. – 6. Ed., 1. Reimpr. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008. – Coleção Milton Santos; 2).

_____. **Por Uma Geografia Nova**. São Paulo: Hucitec. Edusp. 1978.

_____. **O Espaço do Cidadão** / Milton Santos. – 7. Ed. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007. 176p.; 14x21 cm. (Coleção Milton Santos; 8)

SANTOS, Sergio Paulo Sousa. **A mulher no contexto contemporâneo: o papel da mulher no mercado de trabalho** – 8ª mostra acadêmica-UNIMEP, 2010. Disponível em: <http://www.unimep.br/phpg/mostraacademica/anais/8mostra/5/355.pdf>. Acesso em: 17 de novembro de 2014.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 10ª ed. Campinas: Autores Associados, 2008.

SCOTT, Joan Wallache. História das mulheres. In: BURKE, Peter. (Org.) **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo, UNESP, 1992.

_____. “GÊNERO: uma categoria útil de análise histórica”. In: **Educação e Realidade**. Porto Alegre, vol. 20 nº 2, Jul./dez.1995, pp. 71-79.

SILVA, M. L. L. **Mudanças Recentes no Mundo do Trabalho e o Fenômeno População em situação de rua no Brasil**. 2006. Disponível em: http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/1763/1/2006_Maria%20Lucia%20Lopes%20da%20Silva.pdf. Acesso em: 13/11/2014.

SILVEIRA, Rosa Maria Godoy. Uma reforma curricular em um contexto de muitas mudanças. In: GOVERNO DO ESTADO DA PARAÍBA. **Referenciais Curriculares do Ensino Fundamental: ciências humanas, ensino religioso e diversidade sociocultural**. Secretaria de Educação e Cultura / Gerência Executiva de Educação Infantil e Ensino Fundamental. João Pessoa: SEC/Grafset, 2010, p.11-37.

SOARES, Liana Macabu de Sousa. Teatralizando o ensino de Geografia. In: **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, v. 3, p. 57-81, 2013. Disponível em:< <http://www.revistaedugeo.com.br/ojs/index.php/revistaedugeo/article/view/56>>. Acesso em 20 de novembro de 2014.

SOUSA, Sônia Gomes; RIZZINI, Irene. **Desenhos de família: Criando os filhos: a família goianense e os elos parentais**. Goiânia: Cãnone Editorial, 2001.

SPOLIN, V. **Improvisação para o teatro**. Tradução I. D. Koudela. São Paulo: Perspectiva, 2000.

STANISLAVISK, Constantin. **A preparação do ator**. Tradução: Pontes de Paula Lima. 30ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.
TORRÃO FILHO, A. Uma questão de gênero: onde o masculino e o feminino se cruzam. In: **Cadernos Pagu** (UNICAMP), Campinas, v. 24, n. jul./dez, 2005.

VIANA, Rui Geraldo Camargo. A Família. In: **VIANA, Rui Geraldo Camargo; NERY, Rosa Maria de Andrade (Org.). Temas atuais de direito civil na constituição Federal**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2000.

APÊNDICES

APÊNDICE A

Entrevista desenvolvida junto aos educandos de 1º e 2º Anos da Escola Estadual

Professor Crispim Coelho

1- Durante todo o período escolar até hoje, você se sente motivado pelos professores a uma aprendizagem satisfatória?

2-Você gosta de estudar?

3-O que você acha das aulas de Geografia? Por quê?

4-Essas aulas têm alguma aproximação com a sua vida?

5-Como o professor dá aulas para você?

6-Ele utiliza algum material, um recurso?

7-O que você acha do uso de diferentes linguagens, como teatro, dança, música e cinema nas aulas de Geografia?

8-Como você analisa o uso do teatro nas aulas de Geografia em que você participou?

9-Trabalhar as aulas com o teatro tem algum resultado no processo de ensino aprendizagem?

Quais? Por quê?

APÊNDICE B

Entrevista desenvolvida junto a Professora da disciplina de Geografia do 1º e 2º Anos da Escola Estadual Professor Crispim Coelho

- 1-Como você costuma desenvolver suas aulas de Geografia?
- 2-O que você acha dos novos métodos de ensino, a partir do uso de diferentes linguagens?
- 3-Você utiliza alguma linguagem nas aulas de Geografia? Com qual frequência?
- 4-Quais linguagens você conhece? Quais você utiliza nas aulas de Geografia?
- 5-Os conteúdos trabalhados tem alguma relação com a vida dos alunos? Quais relações?
- 6-Há dificuldades de promover aulas dinâmicas e voltadas para a construção do conhecimento a partir do cotidiano do aluno?
- 7- O que você achou das aulas com o uso da linguagem do teatro?